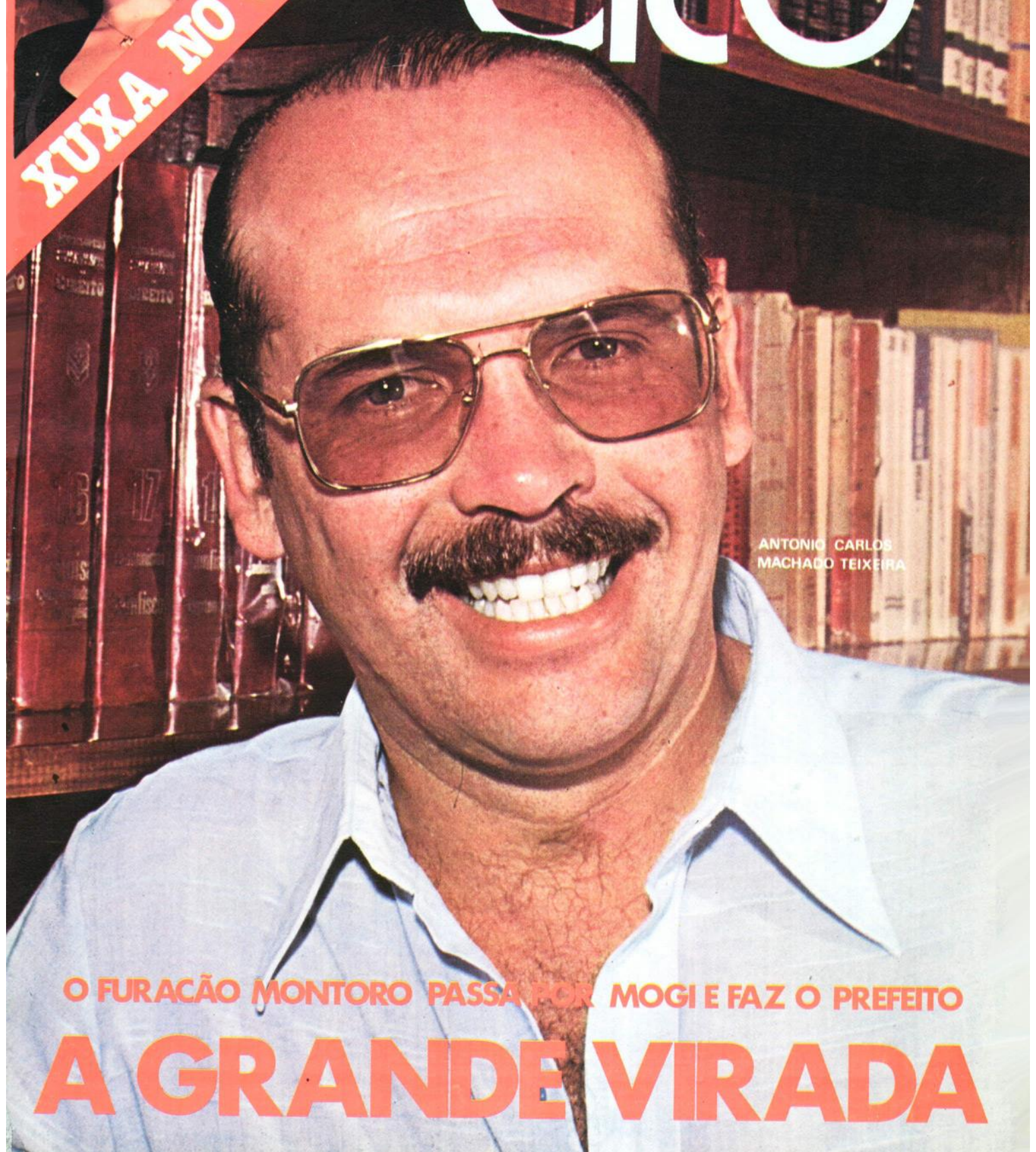


EDITORA ATO ANO II - Nº 9
NOVEMBRO/DEZEMBRO DE 1982 - Cr\$ 220,00

ato

XUXA NO CINEMA



ANTONIO CARLOS
MACHADO TEIXEIRA

O FURACÃO MONTORO PASSA POR MOGI E FAZ O PREFEITO

A GRANDE VIRADA

Num mundo de tantos nomes...



Riva Jeans chegou
e vai conquistar o seu corpo.
Definitivamente. Da cintura para baixo.
E nesse espaço,
só domina quem tem, pelo menos,
muita força, beleza e qualidade.

Riva
jeans



A sua estrela ganhará um novo brilho neste verão.

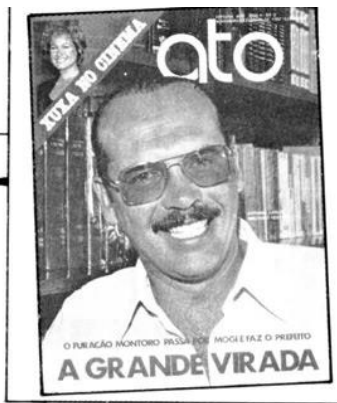
Em Mogi: LANCAGE BOUTIQUE – R. Prof. Flaviano de Mello, 1317;
SAVANA'S BOUTIQUE – R. Barão de Jaceguai, 977;
WANTED JEANS – R. Dr. Paulo Frontin, 239.

Abertura

Pela terceira vez consecutiva **ATO** dedica sua reportagem de capa à política mogiana, desta vez mostrando os vencedores da maior eleição que a cidade já teve, com o PMDB tomando o poder ao PDS após um tranqüilo reinado de 14 anos. Uma modificação como essa que veio na esteira de um outro fenômeno, o furacão Franco Montoro, merecia uma abordagem especial. Mantendo a postura de bem informar seus leitores, **ATO** reuniu os dados mais significativos da eleição na reportagem que se inicia na página 16.

Nela, o leitor poderá melhor se situar na fantástica, incrível virada do cenário político local. Assim, Carlos Eduardo Meirelles Matheus, diretor do Instituto Gallup de Opinião Pública, a mais séria e respeitável entidade especializada em avaliações da opinião pública no Brasil, elaborou com exclusividade para **ATO** uma explicação profunda – e didática – do que foram as eleições em Mogi, baseando-se em dados que seu instituto coletou na cidade desde o final do ano passado.

Não é tudo. O novo governador de São Paulo, o senador



cidade.

Finalmente, foi ouvir, numa longa e esclarecedora entrevista, o novo grande personagem da cidade, o promotor público Antônio Carlos Machado Teixeira, o prefeito dos próximos seis anos. Teixeira faz um relato franco, fala de seus planos, convicções, expectativas e vontade de mostrar que não foi eleito por acaso. **ATO** mostra ainda como está Mogi das Cruzes no jogo de forças políticas do Estado, com dois deputados estaduais e um federal eleitos com expressiva votação da cidade.

Neste nono número **ATO** ainda registra outros assuntos importantes: fala de Xuxa, a Marilyn Monroe nacional; apresenta o sol e as praias do Ceará; a revolução do videotexto e Campinas, a cidade do futebol.

F.L.

ESPORTE

Campinas descobre, com o Guarani e Ponte Preta, os segredos para se montar dois eficientes – e temidos – esquadrões de futebol Pág. 42



Montoro chega ao Palácio dos Bandeirantes e conta como comandará São Paulo, começando por uma mudança importante: o povo vai governar Pág. 46



Tirreno Dasambiágio, o "Tote", fala dos 25 anos do *Diário de Mogi*, uma luta que deu certo. Hoje, o DM é uma empresa sólida e tradicional Pág. 14

ENERGIA

Na Universidade de Campinas, a Unicamp, técnicos fazem uma Kombi andar – e bem – com hidrogênio, já considerado o combustível do futuro. Pág. 6



Xuxa, a manequim mais requisitada do País, fala de seu primeiro filme e dos transtornos que tem toda vez que sai às ruas – com ou sem companhia Pág. 34

E

Artes e Espetáculos	34 a 38
Caldeirão	12 e 13
Carlos Soh	44 e 45
Cartas	4
Comunicação	10
Educação	11
Gente	30 e 31
Saúde	11

FOTO DE CAPA: /Henrique Fernandes

Promessas de novembro

Não poderia ser mais oportuno o número 8 de **ATO**. Às vésperas das eleições, com cinco partidos e muitos candidatos, nada melhor que uma publicação que venha esclarecer o eleitor, relacionando programas e intenções dos diversos postulantes. Para mim - e estou certo que para muitos outros - a reportagem foi de grande utilidade para se poder votar conscientemente.

Apenas estranhei que na seção "Atenção Candidatos", onde foram consultadas pessoas de vários setores da vida mogiana, não tivesse sido incluída a Agricultura. Afinal, o prefeito não governa apenas a cidade e sim o município, o que inclui a zona rural com todos os seus problemas. No que se refere à reorganização do centro urbano, foram feitas muitas referências à construção de viadutos sobre a linha férrea que atravessa a cidade. Ninguém pensou em uma solução que, a meu ver, apresentaria melhores resultados e, possivelmente, seria mais econômica: desviar a linha férrea para a periferia da cidade.

Solução assim foi adotada pela Prefeitura de Ribeirão Preto há alguns anos com magníficos resultados. Desviando a estrada de ferro para as encostas da Serra do Itapeti, o atual leito da ferrovia poderia ser convertido numa ampla e arborizada avenida, ligando Leste a Oeste - Braz a César de Souza. Quanto ao custo, é possível que seja bem menor que a construção dos dois ou três viadutos que se fazem necessários - e que, além de enfeitar a cidade, exigirão grandes gastos e desapropriações em áreas centrais.

Além do mais, esta seria uma oportunidade para a Faculdade de Engenharia de nossa cidade prestar valiosa colaboração, ao mesmo tempo em que encontraria importante trabalho prático para seus alunos.

*Júlio Humberto Jimenez
Engenheiro Agrônomo
Mogi das Cruzes*

Valores altíssimos

A revista **ATO** é um meio de comunicação muito importante para a nossa comunidade, dando largo passo junto ao mundo jornalístico e publicitário. Realmente estamos diante de valores altíssimos. E ante a pluralidade de méritos não se poderia esperar mais, eis que estes são os fatores determinantes do sucesso da revista. O sucesso virá ainda mais veemente, pois existem muitas qualidades para isso.

*Florêncio de Paiva Neto
diretor comercial
Rádio Transcontinental FM*

O historiador

Neste ano de eleições eu estréio meu título eleitoral e para guiar-me na escolha dos candidatos encontrei um verdadeiro manual: a reportagem Promessas de Novembro, em **ATO** número 8. Esta publicação já faz frente às melhores revistas brasileiras. Estou encantado. Gostaria de aproveitar para sugerir matéria com Isaac Grinberg, há 21 anos escrevendo a história da cidade.

*Rosival dos Santos
Mogi das Cruzes - SP*

Candidatura abortada

O índice de **ATO** número 8, página 3, apresenta uma incorreção. Ao anunciar a reportagem "Candidatura Abortada" faz-se referência à negação, por parte do Partido dos Trabalhadores, de registro à candidatura a vereador de Manoel José Teixeira, contrariando o conteúdo da própria reportagem publicada na página 21. O PT, na verdade, não negou esse registro, como fica claro na matéria.

*Cartas para ATO, rua
Senador Dantas, 326, Mogi das
Cruzes. CEP 08700 - SP.*

Diretor

Márcio de Paula

Editor Responsável

Fernando Leal

Diretor Administrativo

Benedito Wilson de Freitas

Editor Gráfico

Carlos Soh

Produção

Marina de Siqueira e Aranha

Nelson Antônio Alessi

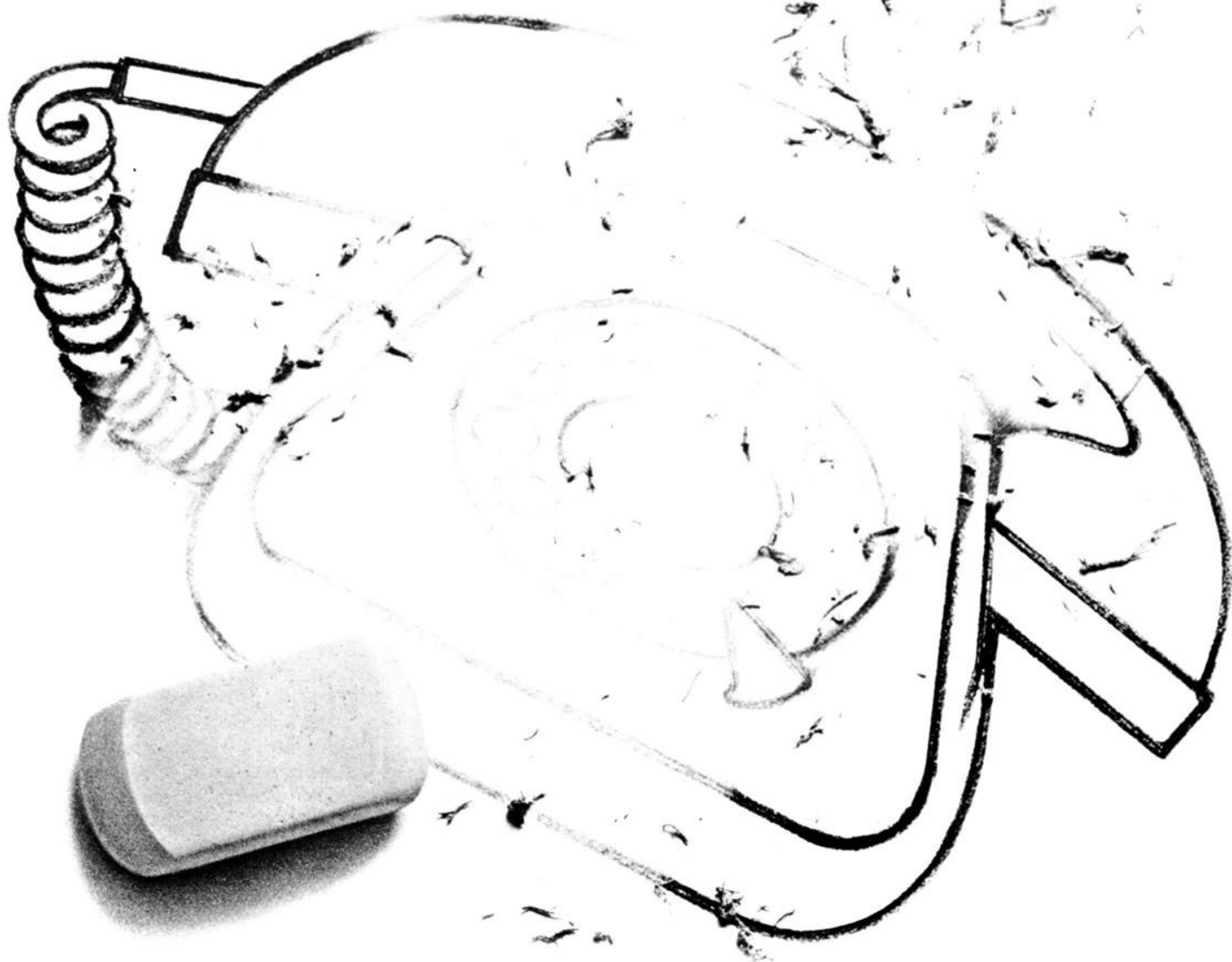
Publicidade

Hélvio Magalhães Alcoba Júnior
Eleny Nicolini

Colaboradores

Carlos Chagas e Rosângela Bittar (**Brasília**), Roberto Codoy e Wilson Marini (**Campinas**), José Carlos Santana (**Londres**), Darwin Valente, EME, Henrique Fernandes, Lenilde Pacheco, e Vanice Assaz (**Mogi das Cruzes**), José Roberto de Alencar (**Rio de Janeiro**), Antônio Augusto de Toledo Neto, Amado Neto e Flávio Nery (**São José dos Campos**), Berenice Guimarães, Carlos Soh, Clóvis Garcia, Efigênia Menna Barreto, Floreal Rodrigues Rosa, Francisco Augusti, Ilka Marinho Zanotto, João Pires, José Fernando Lefcadito Álvares, Liane C.A. Alves, Leonor Amarante, Luciano Dias Pires Filho, Luís Fernando Emediato, Maria Inês de Camargo, Mariângela Alves de Lima, Nicolielo, Renato Lombardi, Rubens Ewald Filho, Sérgio Vaz e Vital Bataglia (**São Paulo**).

ATO é uma publicação bimestral da Ato Editora e Publicidade Ltda., Av. Nazaré, 1.054, telefones: 215-8115/274-5711, CGC 462494339/0001-53, São Paulo, Capital. Redação, publicidade e correspondência, Praça João Pessoa, 38, 2.º andar, Mogi das Cruzes, telefone: 469-0502, SP. Registrada na Divisão de Censura do DPF sob número 2.305 - P. 209/73. **ATO** é distribuída gratuitamente por mala direta e também vendida em banca. Circulação: Mogi das Cruzes e região. Tiragem desta edição: 15 mil exemplares. Composição: Takano Artes Gráficas Ltda. Fotolito e Impressão: Ato Editora e Publicidade Ltda.

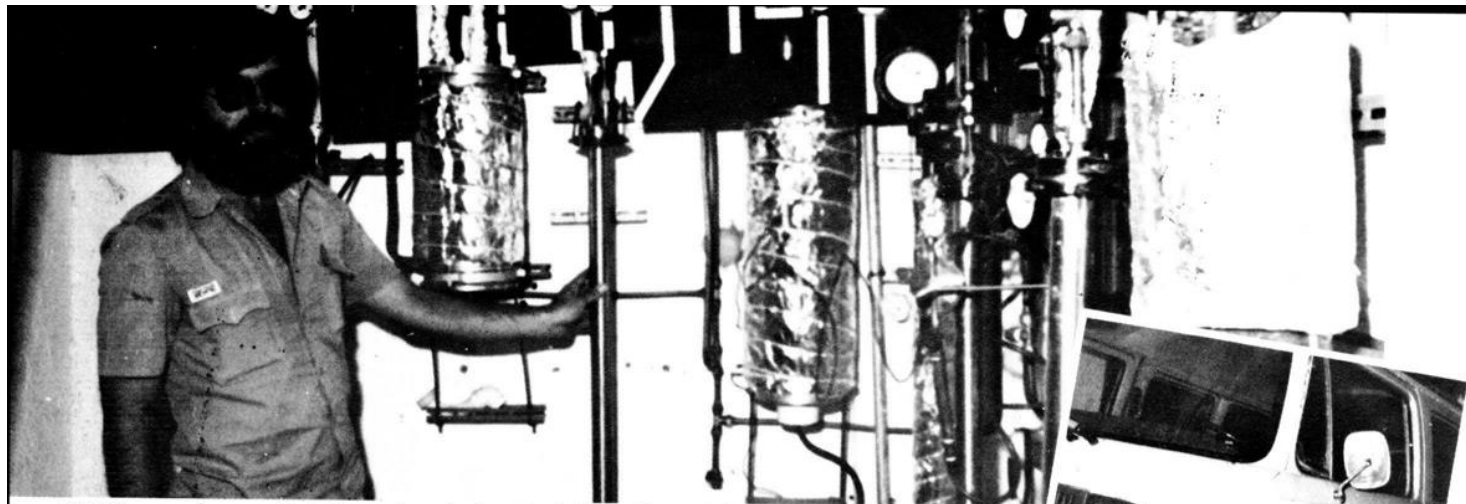


**Neste Natal
esqueça que o telefone existe.
Diga, pessoalmente,
o que sente pelas pessoas.**



**COMPANHIA
TELEFÔNICA
DA BORDA
DO CAMPO**

Empresa do Sistema TELCEL



O H₂, um gás que, infelizmente, ainda não foi levado a sério

COMBUSTÍVEL

A energia do futuro

O hidrogênio pode ser a energia que moverá o mundo na virada deste século de petróleo caro

O combustível do futuro não deverá sair de nenhum laboratório da NASA, nem cairá do céu na virada do século como presente dos anjos à Humanidade angustiada com a crise do petróleo. A fonte de energia que tocará de automóveis a foguetes no ano 2000 está sendo estudada silenciosamente por respeitáveis cientistas da Unicamp, em Campinas. Trata-se do hidrogênio, esse gás conhecido nos bancos escolares na forma de H₂, mas que ainda não foi levado a sério.

Os alunos do Instituto de Física daquela universidade já se acostumaram e agora passam indiferentes aos veículos movidos exclusivamente a água e hidrogênio que passeiam pelo *campus*. Dia desses, o ministro César Cals andou numa malconservada Kombi, emprestada pela Cesp. Anotou bastante e disse ter gostado. O carro, guiado pelo físico Marcus Zwanziger, *pipocou* devido a problemas de rotação. Mas, como a roda ou o primeiro Ford, a velha Kombi locomoveu-se.

O mais importante, na opinião dos especialistas da Unicamp, não é propriamente o fato de a Kombi a hidrogênio ter andado. Eles estão, no momento, mais preocupados em convencer o governo a investir com maior firmeza no desenvolvimento da tecnologia desse produto. Afinal, a lição proporcionada ao País com o encarecimento da gasolina está sendo assimilada por todos.

Atualmente, 75% do consumo de hidrogênio no Brasil ocorre na indústria de fertilizantes, na fabricação da amônia (hidrogênio + nitrogênio). O restante é utilizado na siderurgia, no setor químico e até na fabricação de margarina. Mas no mundo inteiro tem-se como certo que o H₂ será o combustível que irá mover veículos terrestres, aéreos e possivelmente marítimos. Testes nesse sentido

estão sendo feitos em várias partes.

A Mercedes-Benz, a General Motors e a Ford, entre outros grupos, estão fazendo pesquisas no Exterior para o seu aproveitamento em ônibus e caminhões. A Lockheed pretende decolar em 1985 o primeiro avião comercial movido com o gás, aproveitando o *know-how* de armazenamento gerado com o programa espacial norte-americano.

No mundo, o hidrogênio representa um mercado considerável: estima-se que este ano serão consumidas 30 milhões de toneladas. Na Europa, Estados Unidos e Japão, é matéria prima na produção da amônia, refinação do petróleo e síntese do metanol. O Brasil tem uma demanda anual de 300 mil toneladas, das quais a metade suprida pela importação. É justamente nesse ponto que se torna importante o estudo que vem sendo feito pela Unicamp.

ÁGUA E ENERGIA ELÉTRICA – No momento, o hidrogênio é obtido a partir da água e materiais fósseis (especialmente gás natural e derivados de petróleo). Nesse caso, a fonte primária de energia, sob a forma de calor, é proveniente dos próprios materiais fósseis. Mas existe uma alternativa: a produção do hidrogênio pelo processo eletrolítico, usando a água como matéria-prima e a eletricidade, de origem hidráulica, como fonte de energia.

A Unicamp conseguiu desenvolver o conhecimento básico necessário para a geração do hidrogênio, através dos eletrolisadores. Esse equipamento, capaz de produzir o hidrogênio, será testado pela Cesp em unidade-piloto na usina de Corumbataí. Nenhuma empresa nacional dispôs-se à fabricação de eletrolisadores, em função da indefinição do mercado. Embora a eletrólise seja um método conhecido há mais de 50 anos, somente

agora, diante da crise energética, provocou a atenção dos planejadores.

A Unicamp também criou os tanques de armazenamento do combustível, próprios para ônibus urbanos e capazes de assegurar uma autonomia de 150 quilômetros. Para conduzir cerca de 3,5 quilos de hidrogênio, é preciso um tanque de quase 300 quilos, o que o torna inviável para automóveis. O desafio é diminuir essa desproporção. Com isso, Zwanziger acredita que o hidrogênio, a princípio, poderá ser excelente opção para movimentar trens, navios, caminhões e outros veículos pesados, menos automóveis, para os quais seriam indicados o etanol ou metanol.

VANTAGENS EXTRAS – A produção do hidrogênio trará benefícios em outros setores. A fabricação de amônia por hidrogênio eletrolítico deve tornar o País independente na área de fertilizantes, sendo também componente de importância na produtividade agrícola, principalmente no cultivo de cana e oleaginosas, que utilizam produtos nitrogenados. A utilização desse combustível servirá ainda para fins domésticos: cidades com redes de distribuição de gás podem utilizar alto teor desse gás sem alterar aparelhos e equipamentos. No Exterior essa perspectiva é prevista para 1990.

Esse gás não poluente que pela sua queima produz apenas água pode ser produzido pela utilização do calor de reatores nucleares ou energia elétrica nuclear, em processo onde a água é "quebrada" por agitação térmica a temperaturas superiores a 2.000° C. É possível gerá-lo através de energia solar. Mais. A energia empregada em sua geração pode ser transformada em térmica, mecânica ou elétrica. Hoje, essa conversão já é possível com eficiência de 38%, mas há possibilidade de chegar a 55%. ●

ARMÁRIOS EMBUTIDOS VOGUE.



**NÃO ADIANTA INVENTAR DESCULPAS.
AGORA ESTÁ MUITO FÁCIL. VENHA HOJE
MESMO ATÉ A MODULLARE E PEGUE O SEU.**

As vantagens você já conhece. Um projetista exclusivo, sem compromisso, atendimento domiciliar, entrega e montagem imediata, assistência técnica gratuita, garantia total com certificado.

E agora, nesta promoção especial, você pode financiar o seu Armário Embutido em até 24 meses. E tem mais. A Modullare tem um presente especial para você.

PRESENTE MODULLARE - PROMOÇÃO ESPECIAL

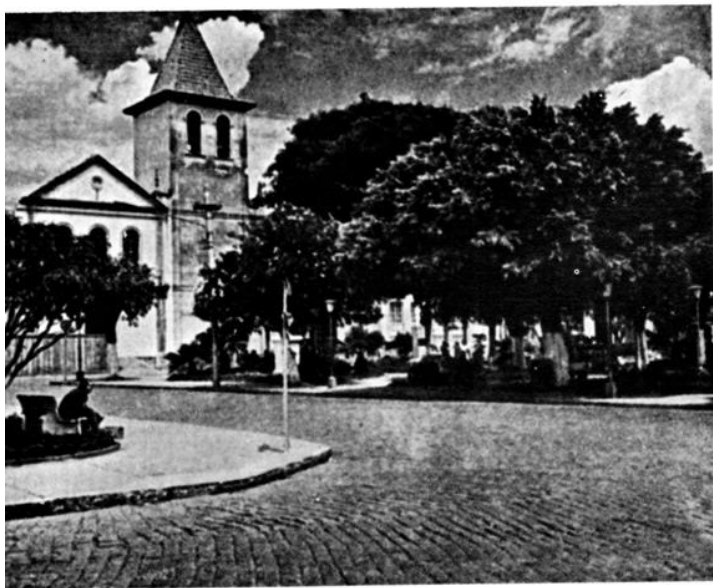
Este cupom vale
uma peça de iluminação MONTALTO
na compra de um
ARMÁRIO EMBUTIDO.



Modullare

MÓVEIS PLANEJADOS E DECORAÇÃO





As igrejas do Carmo antes de tombadas e...



...agora, quando o tesouro está resgatado

MEMÓRIA

Tesouro resgatado

Houve muita briga pela restauração das igrejas do Carmo, mas afinal venceu o bom senso. Restauradas pela Prefeitura e Patrimônio Histórico, dentro de pouco tempo elas serão reabertas.

Foi uma verdadeira batalha. De um lado, os frades carmelitas que queriam demolir as centenárias igrejas das Ordens 1.^a e 3.^a do Carmo; de outro, o inconformismo do professor de História Horácio da Silveira apoiado por um grupo de mogianos também inconformados com a demolição dos templos do período colonial. Venceu a cidade, pois, afinal, as relíquias erguidas em 1631 e 1682 com requintes arquitetônicos raros na região acabaram tombadas depois que, em 1966, Silveira enviou ofício ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A resposta – o tombamento – veio um ano depois, e a restauração foi iniciada em 1970, estando, agora, em fase de conclusão.

Reflexo direto da situação econômica da região litorânea na época dependente apenas da exploração da cana, as igrejas da área marcavam-se por estilos relativamente simples e até mesmo pobres em comparação com o fausto e a riqueza exibidos nos templos erguidos em Minas Gerais, onde a fase do ouro co-



Horácio: luta para preservar história mogiana

mandava o requinte das construções. Mesmo assim, as igrejas do Carmo portavam ricos detalhes esculpidos em madeira e pinturas semelhantes às de Minas – o que, por fim, lhes garantiu a sobrevivência, três séculos depois. Para Silveira, 46 anos, só a migração de artistas mineiros, no final do século XVII, com o declínio da mineração, pode explicar esse privilégio frente aos outros templos da região – características notadas, aliás, nas valiosas pinturas do forro da sacristia da igreja da Ordem 3.^a.

PÓ DE ALTAR – A restauração começou

sob o risco de um desabamento e debaixo da crítica de 6 mil mogianos que, num abaixo-assinado, se mostravam favoráveis à simples construção de uma nova igreja no lugar, como queriam os frades. No início pedreiro e depois mestre-de-obras, Benedito da Cunha, 41 anos, contratado pelo engenheiro Edvar Bolanho, acompanhou tudo desde o começo. Seu primeiro trabalho foi derrubar uma intronada e “recente” torre de 25 metros, encalhada no conjunto durante reforma realizada em 1902. Resolvida esta questão, Benedito e seus companheiros encontraram o que para ele foi o problema mais difícil: uma infiltração de água fez ruir uma parede, derrubando dois altares e um púlpito.

Demorada solução: peneirar todo o barro entre os escombros, recolher pedaços mínimos dos altares destruídos e com o auxílio de fotografias reconstruir tudo, inclusive as paredes de taipa com seus detalhes originais. Aos poucos, com algumas paralisações, as edificações, que juntas ocupam uma área de 1.640 m², foram sendo recuperadas, ressurgindo do pó. Durante todo esse tempo, uma serraria e uma olaria forneceram o material para se recompor a parte destruída.

Os segredos do difícil trabalho, Benedito da Cunha, nascido em Salesópolis, diz que aprendeu no dia-a-dia. O perfeito funcionamento da equipe de restauradores, ensina o



chefe da empreitada, depende sempre de se manter um grupo reduzido de homens trabalhando na obra. “Nunca mais de dez” – diz ele, que acrescenta: “É preciso muita orientação para não comprometer a qualidade do serviço”. Quando, por falta de verbas, a restauração das igrejas de Mogi ficou paralisada, Benedito fez outras restaurações. Trabalhou algum tempo no Museu de Pesca Marítima de Santos, no Museu do Horto Florestal, em São Paulo, e na reconstrução do Pátio do Colégio, também na Capital.

O PIOR JÁ PASSOU – Ainda que não completa, a obra já faz respirar de alívio os partidários de sua restauração. A parte externa das igrejas hoje exibe boa aparência, e, por dentro, as etapas mais difíceis estão vencidas. Os altares laterais, os dois púlpitos e o altar-mor da igreja mais velha estão prontos para receber as imagens, assim como os seis pequenos altares e o altar principal pertencente à Ordem 3.ª. Amealhados através de convênio entre o antigo Instituto Histórico e Artístico Nacional, a Diocese Mogiana e a Prefeitura da cidade, os recursos, mesmo que às vezes tropeçassem, custearam até agora a reconstituição do prédio.

Além da verba destinada aos serviços pela atual Secretaria do Patrimônio Histórico, a Prefeitura empregou cerca de Cr\$ 4,5 milhões na restauração das igrejas e seu orçamento deste ano prevê investimentos que chegam a Cr\$ 2 milhões para a conclusão das obras, sem se contar os gastos com pintura.

12 ANOS DIFÍCEIS – A reabertura dos prédios está prevista para breve, salvo imprevistos na última fase da restauração. O ex-comerciante de secos e molhados, por muitos anos tesoureiro da Ordem 3.ª do Carmo, Delfino Martins de Camargo, que desde o começo dos trabalhos cumpre o ritual de visitar semanalmente as construções, está satisfeito. “Diante das dificuldades enfrentadas nesses 12 anos, os resultados hoje são excelentes. Finalmente, o que mais parecia uma velha ruína agora aí está com suas características pre-



Delfino: ritual de visitas semanais às obras.



O conjunto após reforma, em 1902 (Coleção de Isaac Grinberg)



Apesar de estilos simples...



...as igrejas têm detalhes...



...ricos esculpidos em madeira e...



...pinturas valiosas



servadas para as novas gerações.”

Em Mogi, atualmente, movimentam-se a Diocese, a Secretaria do Patrimônio Histórico e a Sociedade Civil de Pesquisa e Cultura Santana no levantamento das peças sacras atualmente espalhadas

pelas igrejas e capelas da cidade, para a seleção do acervo. Para defender o conjunto arquitetônico do Carmo, já está proibido, num raio de 300 metros, qualquer tipo de reforma, ampliação ou construção, sem a aprovação do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico e Turístico (Condephaat). No momento, já existe até preocupação com o tráfego de veículos pesados, o que provoca trepidações em ambas as igrejas. **Lenilde Pacheco.**

A revolução da tecla

O videotexto vai ser o office-boy mais eficiente de São Paulo. E bastará apertar uma tecla junto à TV

Bastará apertar um botão e notícias de todo o mundo, anúncios classificados, jogos e até horóscopo surgirão nas telas dos aparelhos de televisão dos paulistanos, antecipando o que a ficção científica projetou para o século XXI, mas que, já a partir de dezembro, será uma realidade em São Paulo e que, em seguida, se estenderá a cidades do Interior, como Mogi das Cruzes.

Esse sistema, o videotexto, utiliza, integrado a computadores, dois meios de comunicação bastante conhecidos – o telefone e a televisão –, existindo há mais de dez anos na Inglaterra, mas só se popularizou nos últimos três anos.

Em São Paulo, o videotexto funcionará em caráter experimental durante 24 meses e sua grande importância, segundo Francisco Mesquita Neto, assistente da diretoria do jornal *O Estado de S. Paulo*, um dos jornais que fornecerão notícias, está no fato de o sistema ser bidirecional e interativo, permitindo o envio de mensagens, contatos de negócios ou pedidos de serviços ou mercadorias, sempre através de um computador central e de uma linha

telefônica acoplada ao vídeo de um televisor comum.

TERNO NOVO – Pelo videotexto será possível saber quais os filmes em cartaz, de acordo com os temas ou cinemas em que estão sendo exibidos, e, ainda, o resumo do enredo preferido. Casas comerciais anunciam seus produtos e – importante – se o assinante do serviço pretender comprar um carro usado, podendo gastar até determinado limite, surgirá no vídeo uma relação de veículos que preenchem as condições exigidas.

O assinante pagará uma taxa (tarifa mínima cobrada pela Telesp), além do aluguel do decodificador, um instrumento que será acoplado ao televisor, para poder acionar o sistema de sua casa, da loja comercial, indústria ou seja onde for que resolva instalar o videotexto. No futuro, à medida que o sistema for sendo desenvolvido, novos serviços serão oferecidos aos clientes do videotexto.

No Japão, aliás, quase tudo é resolvido com a ajuda de um *écran*, um conjunto de



Na TV, consultas, shows...

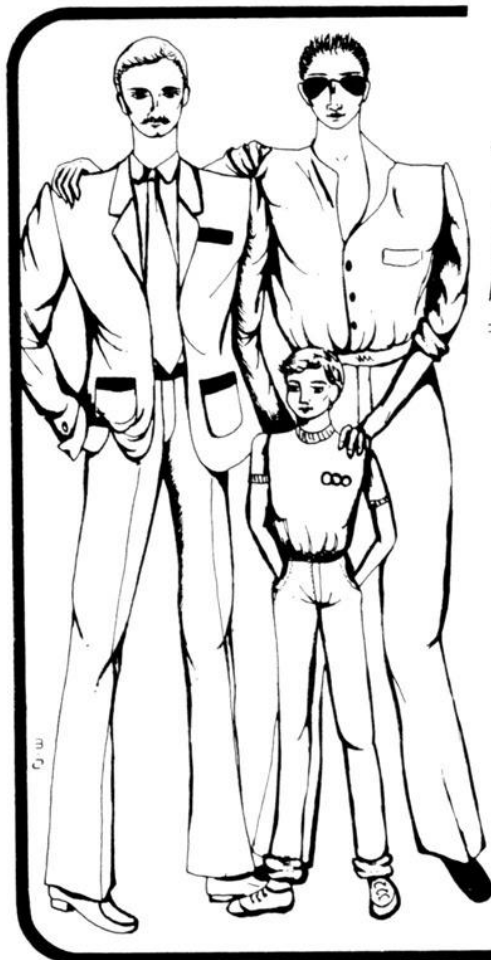
câmara e teclas. Quem quiser comprar um terno novo, por exemplo, precisa apenas marcar o número de sua butique, escolher o modelo que lhe agrada e acionar uma tecla para autorizar o pagamento. Acionado o código bancário, crédito e débito alinham-se automaticamente nos extratos de contas das duas partes.

CONSULTA AO EXTERIOR – Em caso de doença, o procedimento é outro. Basta ajustar a câmara sobre o órgão ou local afetado e "teclar" seu médico. Se o problema não for grave, diagnóstico e receita saem na hora. As mesmas facilidades existem para os que querem jogar tênis ou damas, assistir a um filme inédito ou consultar o professor de uma universidade aberta. As possibilidades de uso do sistema são amplas e estão ao alcance dos dedos. Francisco Mesquita lembra que quando o videotexto estiver funcionando em todo o Estado uma faculdade de Mogi das Cruzes poderá ter acesso com um terminal à biblioteca da Universidade de São Paulo. E os estudantes em vez de importar livros precisarão apenas consultar diretamente uma universidade estrangeira para obter a informação desejada.

Cidades do Interior, como Mogi, necessitarão de centrais de armazenamento de dados para ter um serviço local funcionando ligado ao videotexto. Essa central terá acesso ao banco de dados da Telesp, que, por sua vez, o ligaria a empresas e universidades da Capital, eliminando barreiras e encurtando distâncias. "O videotexto" – diz Mesquita – "pode ter características nacionais, voltando-se também para informações locais."

Preocupado com a introdução do sistema e seus reflexos, o assistente da diretoria de *O Estado* afirma que as notícias transmitidas pelo videotexto vão "concorrer" ou serem "complementares" à mídia tradicional. Há estudos mostrando que as pessoas não conseguem ficar muito tempo diante de um terminal, obrigando suas mensagens a serem telegráficas. Isso pode aumentar o interesse pela leitura de jornais, no dia seguinte, o que é uma complementação, mas, ao mesmo tempo, serve de concorrente ao rádio e à televisão. Com um terminal de videotexto, pode-se obter, no mesmo dia, as cotações das ações na Bolsa de Valores, o que é só divulgado pelos jornais no dia seguinte. De qualquer maneira, as mídias tradicionais terão de se adaptar à nova realidade, com a introdução do videotexto. Ao sistema de videotexto estão associados, no Brasil, organizações jornalísticas, editoras, emissoras de rádio, bancos, facultades, fornecedores de artigos e materiais.

Pedro Zan, de São Paulo



Stylus

MAGAZINE

A moda,
para todas as idades.

Moda Masculina
R. Braz Cubas, 150
Fone: 469.0722

Moda Infante Juvenil
Av. Vol. Fernando
Pinheiro Franco, 180
Fone: 469.1082

TUDO EM ATÉ 5 PAGAMENTOS
SEM JUROS

CREDIÁRIO PARA ESTUDANTES

O olho do dono

Melo deixa o Congresso para cuidar de suas faculdades

Depois de cumprir quatro mandatos de deputado federal, o último deles terminando agora, e por não conseguir candidatar-se ao Senado, como queria, o chanceler da Universidade de Mogi das Cruzes, Manoel Bezerra de Melo resolveu dedicar a maior parte do tempo que dispõe às suas faculdades, onde tem alguns problemas importantes a resolver, um deles equilibrar as finanças afetadas pela diminuição do número de alunos, tarefa onde já conseguiu resultados expressivos. "A receita caiu, mas não as despesas, pois há os reajustes semestrais", explica.

Outros empreendimentos, porém, ajudaram Melo a decidir trocar seu assento costureiro nas poltronas da ponte aérea São Paulo-Brasília pelo gabinete de chanceler. Em janeiro, seu formidável conjunto de faculdades implanta o arrojado Projeto de Capacitação Docente, arrancada onde a UMC terá 21

Examinando a população

Em apenas dois meses de pesquisas, o laboratório da UMC conclui: o mogiano não vive bem e sua saúde é ruim

Dois meses após sua inauguração e cerca de 1.000 exames realizados gratuitamente, o laboratório de análises clínicas Luzia de Pinho Melo, instalado na Policlínica da Universidade de Mogi das Cruzes, chegou a resultados pouco animadores: a população de baixa renda continua minada por anemias decorrentes de carência vitamínica e de ferro; parasitoses, diabetes; distúrbios renais e lipídicos, informa Gustavo Júlio Pinto Pacca, 32 anos, professor titular de Patologia Clínica da Faculdade de Biomedicina e responsável pelo laboratório, que surgiu não só para atender a essa faixa carente da população, mas também para colocar os alunos da faculdade em contato com a parte prática, afinal, o destino da maioria deles. Os exames, depois de executados pelos profissionais do laboratório, são refeitos pelos estudantes.

Montada com equipamentos que custaram Cr\$ 15 milhões, a unidade da UMC, além de atender os casos encaminhados pela Policlínica, realiza exames enviados por médicos da cidade, passando agora, após essa fase inicial, a cobrar uma pequena taxa para uma relação de 100 exames. "O índice de anemia detectado em grande parte da população verificada é resultado de alimentação inadequada, de resto, fato comum à maioria dos brasileiros" – conforma-se Pacca.

Não é tudo, porém, nessa pequena – mas importante – amostragem. Segundo o professor,

além do hábito pouco sadio de consumir diminutas porções de verduras, a população ainda enfrenta o problema extra da baixa qualidade nutritiva dos alimentos. "pois até mesmo o feijão produzido na Europa, onde a terra não favorece, é mais rico em ferro que o produzido no Brasil" – explica Pacca. Além disso há o fator econômico: o brasileiro quase nunca tem dinheiro para as substâncias de teores alimentícios mais elevados. Na esteira dos resultados detectados por Pacca e sua equipe estão ainda as parasitoses, consequência de água não tratada, falta de esgotos e pés no chão. "Na periferia temos muitos poços e fossas, e a falta de informação ainda predomina", constata ele.

Se na periferia o ataque vem principalmente da baixa qualidade do saneamento, na cidade nem por isso os problemas são menores ou menos graves. O ritmo de vida, que impõe ao indivíduo venenos como a falta de tempo para o lazer e a prática de esportes, associa-se a outro terrível inimigo – o uso do álcool e do fumo. "Isso favorece as alterações lipídicas, como o aumento da taxa de colesterol, que pode levar a pessoa ao infarto" – alerta Pacca. "Assim como a alimentação inadequada, associada à falta de atividades físicas, aumenta os riscos de diabetes, independentemente de fatores genéticos", conclui.

L.P.



UMC cresce e cria novos cursos

curso de especialização e aperfeiçoamento de professores, entre eles o de Plantas Medicináveis, único do País. Como suporte, já está criada a Fundação de Amparo ao Ensino e Pesquisa. "Numa primeira fase" – prevê –, "contemplaremos os cursos de pós-graduação, para, em seguida, cuidar da etapa de doutoramento."

Aos 56 anos, o chanceler também tem preocupações com a saúde e isso pesou na decisão de não se candidatar à reeleição. O que não significa, porém, que não volte a disputar um cargo federal, certamente o de senador. "Desta vez, se o Adhemar de Barros não saísse, eu seria candidato e derrotaria Papa Júnior e Blota Júnior", gaba-se, convencido de que 16 anos na Câmara é tempo suficiente para uma grande vitória.



Por trás destas janelas tudo pode acontecer. Na maior parte do tempo, nós estamos atrás das janelas maiores, tratando das elucubrações mentais, criando e executando trabalhos para nossos clientes. Porém, quando a necessidade exige, corremos às duas menores. Venha nos conhecer. Mas não pelas janelas, pois você pode ser preso por andar no telhado dos vizinhos. Nossas portas estão sempre abertas, mesmo que você só precise usar as do meio.

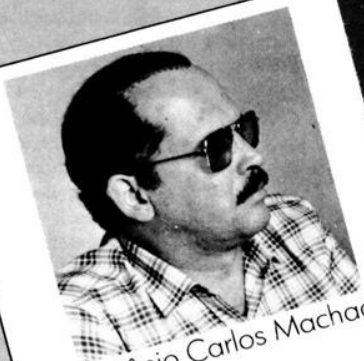
J & W publicidade

Rua Prof. Flaviano de Mello, 769

Caldeirão

EME

O fura



Antônio Carlos Machado
Teixeira

**O grande
vencedor**



Jacob Lopes

**Deu a volta
por cima**

Ele voltará



Waldemar Costa Filho



Mauricio Najjar

**Levou
sem gastar**



Chico Nogueira

**Gastaram
sem levar**



Junji Abe

cão de novembro



Sethiro
Namie



José
Marcos
Gonçalves

**Os
"papa votos"
da Câmara**



Estevam Gastão de Oliveira Nicolau Lopes de Almeida

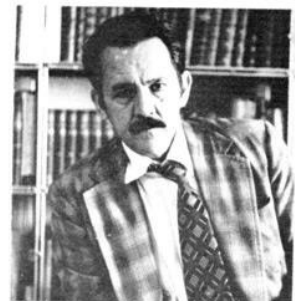
**A grata
surpresa**

**O grande
furo**



Oswaldo Ornellas

O novo Gerson
Levou vantagem em tudo



Rubens Magalhães

O novo Ornellas
Não consegue chegar lá

CONCLUSÃO:

// O PMDB ganhou porque teve mais votos do que o PDS //

O jornal da cidade

Os 25 anos do Diário de Mogi, um jornal que começou com seu dono chegando na redação de bicicleta

No dia 13 de dezembro, quando a oficina do **Diário de Mogi** estava tirando a edição de número 6.579, que circulou numa terça-feira, o jornalista Tirreno Dasambiággio desceu de sua sala e, junto com repórteres, fotógrafos, gráficos e funcionários administrativos, comemorou a data espe-

pregado da **Folha de Mogi**, um rudimentar jornal mimeografado. Vendido pelos irmãos Isaac e Jayme Grinberg em 54, Tote ainda trabalhou lá até 57. Queria criar um jornal "com uma linha de imparcialidade voltada para os interesses de Mogi", ao contrário do que acontecia com a **Folha de Mogi**, na época um jornal de oposição ao então prefeito Henrique Peres, o "Vidan". Nesse mesmo ano Dasambiággio foi despedido e montou o **Diário de Mogi**. Levou consigo vários companheiros de trabalho, como Benedito Maria de Almeida, o "Ditinho", que, aos 43 anos e com o tempo de aposentadoria completo, diz que só sai do jornal "se me mandarem embora".

Dasambiággio, um mogiano de 51 anos nas-



cial – o "Jornal da Cidade", lema que Dasambiággio, o "Tote", adotou, estava completando 25 anos.

O **Diário de Mogi** está incluído hoje entre as mais sólidas empresas jornalísticas do Interior, possuindo sede própria com 1.300 m² de área construída, 60 funcionários e uma oficina completa, incluindo impressora e sete linotipos. São 8.500 exemplares diários, um avanço incrível para aquele jornal surgido nas bancas no dia 13 de dezembro de 1957, rodado por uma máquina plana que "só dava dor de cabeça" – recorda Tote. A edição inaugural anunciava "uma revolução nos subúrbios da Central", com a utilização dos carros elétricos até Mogi.

O **Diário de Mogi** foi uma idéia maturada durante muito tempo. Em 1951, Tote era em-



cido no largo do Bom Jesus, garante que o sofrimento que passou não pode ser descrito. Mas não se arrepende de ter perdido sua juventude para ver o jornal, "como um filho que atingiu a maturidade, fazendo parte da vida obreira, política e social de Mogi". Mesmo assim, diz que não gostaria de ver os filhos Spartaco e Túlio assumindo suas funções no futuro. "É um lugar ingrato. Ter o equilíbrio necessário para ver a cidade em primeiro plano e muitas vezes passar por cima do jornal para ser útil a ela não é fácil. Para esse cargo o tempo de aposentadoria deveria ser de 15 anos."

Enquanto o jornal comemora 25 anos sem muitos festejos, na oficina, além de Ditinho, trabalham dois antigos funcionários cujas vidas estão intimamente ligadas ao jornal. João Batista do Prado, 42 anos, 24 de empresa, chefe da oficina e responsável pela montagem das páginas do jornal através de um processo artesanal, lembra muito bem do dia 10 de outubro de 1958, quando começou a trabalhar na oficina da rua Barão de Jaceguai. "As edições eram feitas com todos, lado a lado, desde repórteres até entregadores de jornal, numa união muito maior e com a possibilidade da participação de cada um em todas as etapas do trabalho."

Paulista de 52 anos, Alberto Steola carrega a responsabilidade de ter sido o segundo linotipista a atuar em Mogi das Cruzes. Aposentado, ele trabalha com Tirreno Dasambiággio há 30 anos, desde o tempo da **Folha de Mogi**. Tradicionalista, Alberto, ao falar dos 25 anos do **Diário de Mogi**, diz que começaria tudo de novo, desde que fosse para voltar a trabalhar em um jornal com impressão a quente – e que sua função fosse a de mecânico das linotipos. "Eu não gosto dos equipamentos *offset*, pois aqui sou eu quem faço a arte, não um computador."

METROPOLITANA FM

STEREO



MOGI DAS CRUZES

**Nunca se falou com tantos,
em tão pouco tempo.**

A casa cai

O PMDB empurrado por Montoro arrasa o PDS. Fez o prefeito, a maioria na Câmara e um deputado com 100 mil votos. O PDS tem desvantagem de um vereador. Os outros partidos esperam novas eleições.

Foi um vendaval. E, ao final da passagem desse furacão — o senador Franco Montoro —, o cenário era o mesmo de outras 308 cidades paulistas. Havia um peemedebista na cadeira de prefeito, algo absolutamente inédito na maioria desses locais nos últimos 18 anos. É o caso de Mogi das Cruzes. A oposição fez não só o prefeito, mas tomou posse da Câmara, apesar da maioria apertada de 9 vereadores contra 8 do PDS, que reinava intocável desde a ascensão do prefeito Costa Filho em 1968. O promotor Antônio Carlos Teixeira, 40 anos, foi a primeira visão que emergiu depois de assentada a poeira do tufão montorista. E surgiu placidamente instalado no alto de seu pedestal de 21.318 votos recebidos da estupefata Mogi, que gastaria os dias seguintes às eleições na tentativa quase febril de procurar explicações para a mudança que ela mesmo comandara, mas que custava a crer depois de concebida.

Machado colocou 4.153 votos na frente de Francisco Nogueira, o segundo colocado; 9.314 em Junji Abe e 12.277 de dianteira sobre Rubens Magalhães, seu companheiro de partido e quarto classificado na corrida eleitoral. A vantagem de 19,48% sobre o segundo colocado também se repetiria entre as legendas. O PMDB deixou o PDS 7.635 votos atrás, ou 20,34%. A performance de Franco Montoro, no entanto, é mais impressionante: ele recebeu 49% dos

votos mogianos e puxou, como carro-chefe, a vitória peemedebista em Mogi, como de resto em centenas de cidades paulistas.

Foi na esteira de Montoro que o PMDB de Mogi das Cruzes elegeu Machado para a Prefeitura. "Se a eleição não fosse vinculada, Waldemar teria feito seu sucessor", garante Carlos Eduardo Meirelles Matheus,

permitiria, votaram em Montoro e levaram para as urnas todos os candidatos do PMDB", assegura Matheus, que



Montoro: furacão

fez ampla análise para ATO das pesquisas que seu instituto realizou em Mogi. (Veja matéria na página 24)

BARCO À DERIVA As maiores eleições do Brasil nos últimos 20 anos foram também as eleições onde mais se gastou. Em Mogi, por exemplo, a quantia despendida daria para construir aproximadamente um terço da rodovia Mogi-Bertioga, que custou Cr\$ 3 bilhões. Só os três candidatos a prefeito pelo PDS queimaram algo em torno dos 500 milhões na batalha, enquanto os candidatos a deputado Jacob Cardoso Lopes e Estevam Galvão de Oliveira, ambos eleitos, se encarregaram de elevar esse fantástico gasto acima de Cr\$ 1 bilhão.

Nessa louca corrida não faltaram atrações. Na véspera das eleições, Francisco Nogueira, que de longe realizou a melhor campanha, fez passar pelo céu da cidade nada menos que um dirigível, além de espalhar pelo centro e bairros outra novidade: **taipes** gravados em videocassetes ensinando como votar. Trouxe ainda um campeão rural, o cantor Sérgio Reis, e por isso tudo ficou em segundo lugar, bem à frente do rival Junji Abe, com quem se desgastou durante toda a campanha pensando que ele era o virtual prefeito e não alguém do PMDB. Não foi o único equívoco do PDS. Quando Oswaldo Ornelas resolveu desistir da batalha, deixou aberta uma enorme fenda no navio pedessista. Calafetada com a entrada de Nicolau Lopes de Almeida, ela passou a fazer cada vez mais água, à medida que o 15 de novembro se aproximava.

"O Nicolau foi como biguá, uma ave que consegue grande velocidade na corrida, mas é incapaz de levantar vôo", dizia após as eleições um importante assessor do PMDB, ♦



O trem da vitória



... e os novos comandantes de Mogi

48 anos, diretor do Instituto Gallup de Opinião Pública. "Os eleitores de Mogi" — acrescenta — "queriam votar no PDS para prefeito e em Montoro para governador. Quando perceberam que a vinculação não

enquanto, do outro lado, as considerações eram menos honrosas. Falava-se que Nicolau havia traído o partido e encarado a eleição como quem está de férias. De fato, seus ridículos 827 votos mataram o PDS, que naufragaria de vez com a abertura das urnas do setor rural, onde o partido – e principalmente Junji Abe – contava com a vitória. A colônia japonesa tão decantada e temida ao longo dos últimos meses fez *forfait* – e a diferença em favor de Abe não conseguiu fazer refluir a enchente de votos peemedebistas. “Não houve traição” – fez questão de antecipar o candidato derrotado. “Acontece que a colônia também votou contra a crise econômica”, admitiu Abe, quando o barco pedessista já afundava.

VIRADA IRÔNICA – A vitória do PMDB desnudou ainda o lado patético das eleições. Costa Filho, que atravessou a tormenta com o excelente índice de 47% (desempenho de sua administração), atestado pelo Gallup, perdeu as eleições tendo feito o melhor governo que a cidade já viu. Ergueu o velho sonho de Bertiooga, capitalizou prestígio com a Via Leste e asfaltou a periferia. Braz Cubas, local onde sempre perdeu, deveria votar diferente nestas eleições. Afinal, através do Projeto Cura, Costa Filho despejou lá cerca de Cr\$ 3 bilhões e não ganhou.

Engana-se, no entanto, quem imaginar que Costa Filho perdeu o poder de fogo político. Seu cacife é altíssimo. “A vitória do PMDB foi circunstancial”, insiste Mathews, do Gallup. “Se Waldemar pudesse ser candidato, e se não houvesse vinculação, dificilmente alguém ganharia dele”.

O povo vota como quer



Waldemar: o PDS deu a vitória

Perdidas as eleições – e após deixar o Instituto do Coração do Hospital das Clínicas, onde foi internado por causa de uma angina –, o prefeito Waldemar Costa Filho falou a ATO sobre os resultados de 15 de novembro, seus planos para o futuro e o que espera o novo prefeito da cidade. Com enfizema pulmonar, Costa Filho continua fumando e “cumprindo 40% das ordens médicas”. Estes os principais pontos de sua entrevista.

assegura. Além de Machado, o novo prefeito, um outro personagem volta à cena principal, com a grande virada peemedebista. Com 98.428 votos, o quinto deputado estadual do PMDB, Jacob Cardoso Lopes toma considerável parcela do poder desfrutado por sua família ao longo de 40 anos. Já se prevê, assim, daqui a seis anos, um duelo mortal na cidade entre seus mais tradicionais adversários: Jacob e Waldemar devem ser os virtuais candidatos de 88.

Tão tranqüilo como Jacob está o deputado reeleito do PDS Maurício Najar. No penúltimo dia da votação, aliviado, ele resumiu a situação do PDS mogiano. “Acho que vai dar para escapar do grande incêndio, o que também pode dizer o deputado federal eleito Estevam Galvão de Oliveira, melhor votado em Mogi que em sua cidade, Suzano, onde acaba de ser prefeito.

CAMPEÃO INVISÍVEL – Nas campanhas eleitorais é comum o otimismo dos candidatos. Mesmo porque eles não podem admitir jamais que não irão vencer. Aécio Yamada, o terceiro nome do PMDB a prefeito, contudo exagerou. Alguns dias antes das eleições ele denunciou ATO, acusando-a de uma manobra eleitoral que tinha o objetivo de prejudicá-lo, pois a revista, em seu último número, não o classificara como um dos quatro candidatos que deveriam vencer. Yamada estava delirando. Na oportunidade, ATO, que nunca fugiu do seu dever de informar corretamente seus eleitores, chegou à conclusão de que o peemedebista não poderia chegar antes do quarto lugar. Era o

- Não vou continuar na política. Estou com 59 anos e não quero ficar mumificado.

- O povo vota em quem quer. Acho que julgaram a minha administração, apesar de ela ter atendido a cerca de 60% da população.

- A campanha do PDS teve erros de estratégia. Um deles foi ter saído com três candidatos. Fui contra, mas acatei ordens de São Paulo. Queria disputar com um único nome.

- O Nicolau não teve votos porque não tem prestígio. Eu pensava o contrário e errei.

- Se eu disse que iria receber o novo prefeito em meu gabinete é porque vou fazer isso.

- Se o próximo prefeito quiser, as dívidas do município podem ser pagas em um ano. Ele receberá pastas específicas sobre cada assunto. Serão relatórios puros e simples; sem a minha opinião.

- Se estivéssemos com o Ornelas vocês não tenham dúvidas que venceríamos. O Chico Nogueira seria o prefeito.

- O problema financeiro é o mal número um da Prefeitura. Nós sempre estamos devendo.

que indicava a apuração dos dados da reportagem de capa daquela edição. Os resultados da eleição também não desmentiram a revista – e tampouco a pesquisa Gallup a que ATO teve acesso após o pleito. O afoito candidato que durante a campanha pregou a democracia acabou escorregando no significado dessa complexa palavra, pois ela exige condutas imparciais, como sempre fez ATO. Yamada, ao contrário, quis impedir a liberdade de a revista informar a verdade – ou seja, a de que ele não era um “prefeitável”. Não é tudo. O candidato acusou ATO antes mesma de ela ir às bancas.

As alucinações do peemedebista não estavam, contudo, terminadas. Finda a eleição, ele ainda iria à imprensa para lamentar: fosse o 15 de novembro antecipado em duas semanas e a vitória seria de outro campeão, ele mesmo. Pura retórica e fantasia. A 31 de outubro, Yamada situava-se em anêmicos 6 pontos, de acordo com o Gallup, tendência que seria mantida até a contagem do último voto. Estabanado, Yamada não pararia por aí: quando o prefeito se ausentou da luta por problemas de saúde, ele deslizou novamente. Enquanto Jacob Lopes fazia chegar ao banqueiro Hélio Borenstein sua solidariedade diante da enfermidade do prefeito, apesar de arquiinimigos, Yamada foi extremamente infeliz e cunhou esta frase: “Agora ficará mais fácil, pois deverão acabar as pressões”.

Figuras impetuosas como Yamada, é verdade, pecam pelo entusiasmo e inexperiência. E foi exatamente aí que o PMDB consolidou sua vitória. Tufy Elias Anderi, 58 anos, vereador durante 17 e velho conhecedor dos meandros políticos da cidade, foi a grande, insuperável retaguarda do partido. Por detrás de uma mesa e de um telefone ele comandou sobretudo os ânimos. Criou “Bem Bolado”, uma réplica da cédula oficial com janelas por onde o eleitor, poderia copiar o voto que trazia. E, como o próprio Tufy sabia, o PMDB local só ganharia se levasse para as urnas os nomes dos prefeitos e vereadores grudados ao visgo montonista. O PMDB fez uma campanha discreta, econômica. Não se munuiu, por exemplo, como o PDS, de uma pesquisa eleitoral, pois aí ficaria sabendo, desde o ano passado, que os ventos eram a favor. “Tínhamos lá uma folha, dando os resultados favoráveis a nós, que foi deixada de propósito sobre uma mesa. Alguém a levou. Foi tudo”, ensina Tufy. O PMDB tinha também a esperança. E ela, materializada no furacão Montoro, tornou-se real.

Fernando Leal

CANDIDATO	VOTOS
Yamada	51
Cláudio	51
Yamada	51
Yamada	51
Yamada	51
Yamada	51

Mudando de rumo

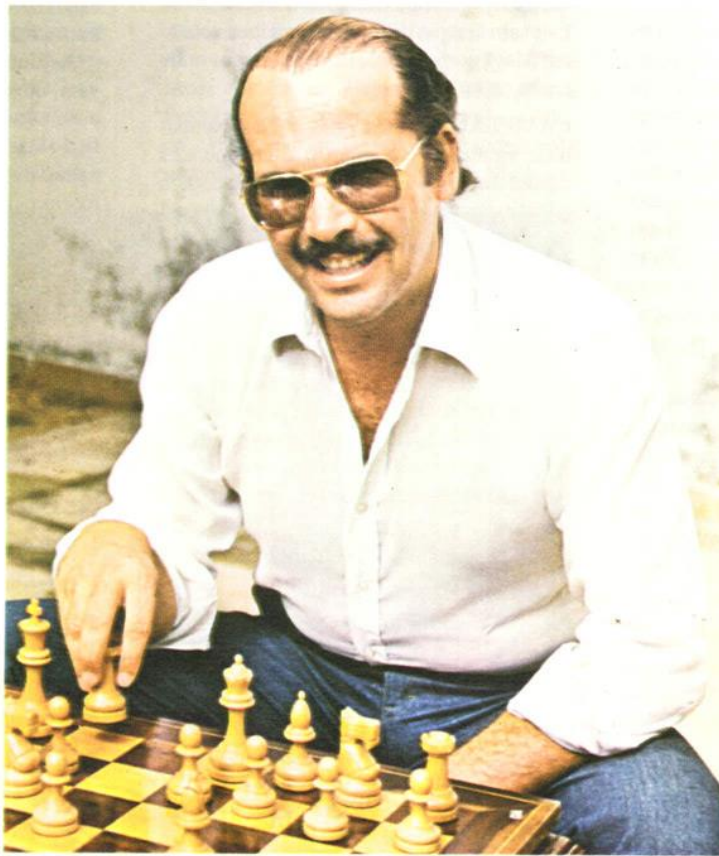
O novo prefeito diz que vai ouvir a população, quer respeito ao contribuinte e garante que não haverá revanchismo em seu governo. Socialista, quer promover a justiça social. E avisa: "Na Prefeitura mandarei eu".

Três dias antes das eleições, o promotor público Antônio Carlos Machado Teixeira desaqueceu as turbinas de sua campanha e recolheu-se a um isolamento difícil de ser compreendido pelas pessoas que o cercavam. Tinha cometer algum erro de última hora e assim preferiu o silêncio. Passada a vitória e dois dias de descanso fora da cidade, ele retornou ao ritmo normal: na segunda-feira, 22 de novembro, levantou-se cedo e foi dar aula no curso de Administração das Faculdades Braz Cubas, atividade que não pretende abandonar nos próximos seis anos, tempo que durará seu mandato. "Eu vivo disso", diz ele, que, no entanto, terá de se afastar do Ministério Público, onde está prestes a galgar o último degrau da carreira. Não será a única mudança que ocorrerá na vida deste promotor público de 40 anos que chega agora à Prefeitura de Mogi. A primeira alteração ocorreu com a própria candidatura, no início assustando toda sua família, mas depois motivando-a irreversivelmente. "Outro dia, o Flávio, meu filho de 15 anos, diante da constatação de que tinha emagrecido" — conta Miriam, a mulher de Machado —, "reagiu com a maior naturalidade deste mundo: "Foi a campanha, mãe". Machado Teixeira, que chega ao poder oito anos depois de seu partido iniciar, em 1974, com a eleição do senador Orestes Quércia, a virada na política do Estado, pretende governar sem revanchismos ou ressentimentos, querendo mudar o cenário político da cidade. "Sou um bombeiro, não um incendiário", resumiu, nesse mesmo dia 22, durante depoimento à revista **ATO**.

ATO — Como surgiu sua candidatura?

MACHADO — Já auxiliava o MDB desde o tempo da eleição de Quércia, em 74, e sempre acompanhei o quadro político de Mogi,

havendo sempre um convite em aberto. No começo deste ano, o doutor Rubens e o doutor Jair Bueris estiveram em casa e trouxeram a ficha de filiação. Achei que era a hora e me



Machado: como no xadrez, prevendo o próximo lance

coloquei à disposição do partido. Em algumas semanas eles me lançaram candidato.

Não gastei Cr\$ 1 milhão. Minha campanha foi pobre.

ATO — Não foi então uma decisão difícil.

MACHADO — Nenhuma decisão dessa é fácil. Tinha uma série de outros projetos pessoais em andamento e não queria modificá-los. Chegou um instante, exatamente o dia 17 de junho, que senti a necessidade de complementar a legenda do PMDB e aceitei. Vi no professor Waltely Aquino uma pessoa

identificada comigo ideologicamente e partimos para a luta. Ser candidato é um desafio pesado. O PMDB precisava ocupar espaço junto a segmentos sociais onde não tinha penetração. E isto deu certo, basta ver os resultados. Contudo, havia incertezas. Os riscos de ter uma votação pequena são sempre ponderáveis. Mas a política esteve sempre no meu sangue e, como minha posição política é muito definida, intimamente não tinha condições de recusar o convite.

ATO — Não lhe assustava a figura do prefeito Costa Filho, dono de performance eleitoral formidável?

MACHADO — Não. Isso é que era o bom da coisa, porque nós sempre temos de brigar com alguém mais forte. Até por uma questão de bom senso. Se a gente perde, ele era mais forte; se ganha, a vitória é bem maior. Por outro lado, ganhei sem gastar Cr\$ 1 milhão. Meus pais me ajudaram e recebi impressos do Montoro, Jacob Lopes e do deputado Roberto Cardoso Alves. Fui ajudado também pelo José Meloni, da Caric, que me auxiliou com material, mas nada monstruoso, avassalador.

ATO — A campanha deste ano foi milionária, mas a sua foi paupérrima.

MACHADO — Foi. E a população deveria estar percebendo que quem investe maciçamente numa campanha política terá alguns compromissos ou alguns interesses a serem mais tarde, de alguma forma, satisfeitos e cobrados. A impressão que dá é essa, apesar de os outros candidatos serem pessoas dignas, corretas. Um fazia campanha de Rolls Royce e outro com carrinho de pipoca. Preferi acreditar na minha mensagem nas áreas que deram base a minha candidatura, os trabalhadores fabris e os estudantes, setores com os quais sou afinado, procurando interpretar seus anseios de progresso social.

Quem votou em mim queria mudanças sem traumas

ATO – Como você interpreta a vitória do PMDB numa cidade tradicionalmente avessa à oposição e ainda por cima depois de uma continuidade administrativa de 14 anos?

MACHADO – Creio que o eleitorado jovem foi importante. Ele agiu poderosamente em direção ao partido de oposição. Já o eleitorado trabalhador, este é, tranquilamente, ligado ao PMDB, ao Montoro. Restava a classe média, mais conservadora, que também queria uma mudança, mas não alguém que apresentasse uma face mais radical. Por isso eu devo ter sido escolhido. Quem votou em mim deve querer mudanças feitas com cabeça fria e sem grandes fraturas. E a primeira mudança já está ocorrendo: minha posição em relação à população é de inteira liberdade, seja do PT, PTB, PDS, PC, PC do B ou UDN.

ATO – Você não vai exigir atestado ideológico de ninguém, é isso?

MACHADO – Não tem sentido. Estamos afeitos ao diálogo, ao debate. Procuro desenvolver nos meus alunos a consciência crítica e não será agora que iria sufocar essa crítica, aspecto importante para o aperfeiçoamento democrático. Quem critica participa, quem critica dá sugestões.

ATO – E como você vai auscultar a população de sua cidade? Durante a campanha você falava em ficar o mínimo possível na Prefeitura, na “Torre de Marfim”, como a chamava.

MACHADO – Mogi tem 250 mil habitantes e é impossível que todos falem com o prefeito ao mesmo tempo. Mas a cidade tem os chamados corpos sociais intermediários, as associações profissionais, os sindicatos, as associações de bairro etc. e também a Câmara de Vereadores. Esses interlocutores do prefeito serão os representantes do povo. Aliás, vou querer um absoluto respeito pelo cidadão. Para mim será fata gravíssima funcionário público destratar o munícipe. O funcionário é um servidor, como eu sou um empregado da cidade.

ATO – Falando nisso, o que o funcionário pode esperar de você?

MACHADO – Primeiro de tudo vamos analisar a organização atual, as funções e as pessoas. Dentro do programa Montoro, estamos pensando em descentralizar para maior autonomia a chefias intermediárias e aos coordenadores. Estou com a idéia de fazer um trabalho de organização e métodos, o que, aliás, é uma das cadeiras de minha especialidade em administração. Penso também em maior eficiência, usando o computador, sem querer que substitua o homem. Agora quanto ao funcionalismo público, eu já acho há muito tempo que ele deve ser celetizado, regido pela CLT. O funcionário estável acaba-se tornando menos eficiente. Os únicos setores que

não podem passar para a CLT são Segurança, Justiça e Fazenda.

ATO – O funcionalismo, então, já pode ficar assustado ...

MACHADO – Vamos administrar por objetivos, não sob supervisão cerrada. Vamos chegar para cada um e dizer: “Olha, o seu objetivo é esse. Vire-se! Daqui a uma semana eu venho te cobrar. As mudanças, contudo, serão comunicadas, discutidas, debatidas com as pessoas cujas vidas serão afetadas. E se algumas delas realmente sofrerem alteração para pior serão comunicadas de imediato, para não deixar que se estabeleça clima de intranquilidade. Nenhuma mudança prospera quando não é bem conduzida.

ATO – Afinal, que tipo de mudanças poderão ocorrer? Uma devassa vem por aí?

MACHADO – Não gosto dessa expressão. Devassa dá idéia de revanchismo. Eventualmente, se existirem irregularidades administrativas ou penais, serão apuradas e os implicados processados, mas de forma normal, sem qualquer preocupação com João, Pedro, Benedito ou Barnabé. Não será uma investigação para descobrir coisas, dirigida. Será investigação de rotina, que todo administrador deve fazer quando assume uma empresa.

ATO – A oposição, durante a campanha, atacou muito a Codemo. Ela será extinta?

MACHADO – Será reavaliada. Da forma como está ou, pelo menos, da forma como supomos que esteja não vai ficar. Parece que

viola certos princípios do direito administrativo. Eu disse parece, ainda é prematuro adiantar esse aspecto. Se for conveniente do ponto de vista de eficiência e moralidade administrativa sua continuidade, ela continuará. Não passando por esses dois crivos então vai ser extinta.

ATO – Outra crítica da oposição foi o imposto que ela considerava elevado demais. Como fica isso agora?

MACHADO – O Sistema Tributário nacional é competência federal e não podemos alterar suas bases. Mas podemos reavaliar a forma de cobrança local. Existem propriedades subavaliadas onde o imposto predial é irrisório, e outras, superavaliadas, onde é odioso. Existe também muita especulação imobiliária, gente estocando terreno para ganhar fácil. Vamos combater isso: o ônus de uma infra-estrutura urbana é enorme, e não é justo que 10, 15 ou 20 vivaldinos se estejam aproveitando do sacrifício popular.

ATO – Que tipo de sensação lhe dá substituir um prefeito como Waldemar, considerado o maior administrador que a cidade já teve. Até a oposição não lhe nega esses méritos. Não será um incômodo?

MACHADO – Nenhum. Eu acho que ele é bom prefeito numa época de fechadura. Na abertura o estilo não funciona. Julgo-me preparado o suficiente para tocar esse barco. Tenho linha filosófica, administrativa e política muito firme, segura. Se não acreditasse naquilo que estudei e naquilo que sei, eu seria uma fraude. Até mesmo eu discuto os métodos de s. excia.

ATO – Por exemplo ...

Vou ser um bombeiro; não esperem um incendiário

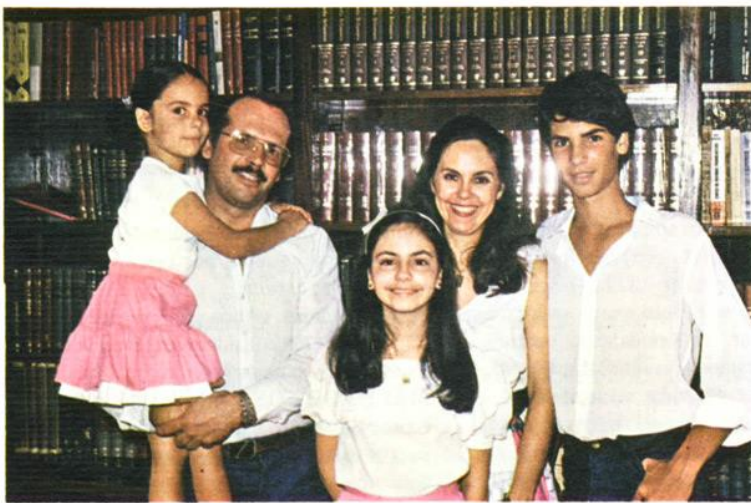
MACHADO – Aqui em Mogi, como em outros lugares, existem certas verdades que todo mundo repete e acaba acreditando nelas. Canssei de ouvir que o dia da eleição seria fundamental. Não era para mim. Então, ele é um bom administrador? Ele é um bom fazedor de obras. Se fazer obras significa ser um bom administrador, ele é um bom administrador. Agora, se para mim administrar é, diante de recursos escassos, obter a melhor combinação de resultados possíveis, não creio que ele seja um bom administrador. Para mim administrar é não só fazer obras, mas também aperfeiçoar as instituições políticas. Se eu consigo fazer o povo participar, se consigo trazer o povo ...

ATO – Esse tipo de preocupação social, você não acha que não será fácil enveredar por esse caminho numa cidade conservadora como Mogi?

MACHADO – Realmente. Mogi das Cruzes, por essa sua característica de cidade conservadora, sempre tendeu muito mais para a direita, onde historicamente a preocupação social sempre foi relegada. Ou começamos a olhar



“Não vou admitir interferências”



A família: entusiasmo na campanha e no futuro

para a população com olhos de pessoas que enxergam no seu semelhante alguém com direitos iguais a uma vida digna, ou corremos o risco de alargar esse fosso, que só vai aguçá-lo o problema social, que é um problema de luta de classes. No Brasil, existe latente um antagonismo e não adianta afiá-lo. Adianta, sim, desarmar os antagonismos, procurar uma cooperação entre as classes sociais. Vou ser bombeiro, não incendiário.

ATO – Que obras você fará?

MACHADO – Estou muito preocupado com os loteamentos clandestinos, onde é preciso haver muita informação, e a imprensa pode ajudar bastante. Se a população aprendeu a votar vinculado, deve também saber os cuida-

dos antes de comprar um terreno. Vamos regularizar os loteamentos clandestinos juridicamente. Além disso, lutarei com unhas e dentes para que o Semaec não passe para a Sabesp: é serviço nosso, patrimônio mogiano. A questão habitacional e urbana é também preocupação básica. Muito da *Intelligentia* de meu governo virá das Faculdades Braz Cubas, onde continuarei lecionando. Já fiz alguns contatos e receberei sugestões de urbanismo e da área econômica.

ATO – Quem é você, ideologicamente?

MACHADO – Sou socialista e acredito no progresso do socialismo no mundo. O socialismo, como eu penso, visa à nacionalização das grandes empresas, mantendo as pequenas

e médias com os particulares, porque estas, se fossem estatizadas, trariam o caos econômico por não terem o grau de eficiência necessário para atender à população de acordo com suas necessidades. Estas, devem ser protegidas da rapina das gigantes. O Estado, quando quer, é tão bom administrador quanto o particular. Veja o exemplo do Metrô. Os grandes bancos, a siderurgia, o petróleo, as indústrias de base, as empresas – chaves do País para o desenvolvimento nacional devem ser nacionalizadas.

ATO – Isso pode assustar uma cidade como Mogi?

MACHADO – Existem graus de socialismo. A partir do momento em que o mundo aceitou as 8 horas como a jornada normal de trabalho, ele passou a ser socialista. O meu grau de socialismo refere-se ao que disse anteriormente. As grandes empresas, porque podem dominar politicamente o País, devem ficar nas mãos do Estado, e as pequenas e médias, continuar com os particulares. Não creio que devamos ser satélite de qualquer país. Nem dos Estados Unidos e muito menos da União Soviética. Temos capacidade de encontrar o nosso próprio destino. Não creio em nenhum radicalismo, porque o radicalismo é sectário e o sectarismo é estéril. Temos de evoluir para a redistribuição da renda, para o desenvolvimento da educação nacional; precisamos de um redirecionamento econômico. Nós, assalariados, ganhamos como se fosse no re-



**PANIFICADORA, ROTISSERIE, CONFEITARIA,
PRODUTOS HORTIFRUTIGRANJEIROS
RIGOROSAMENTE SELECIONADOS,
AÇOUGUE, BAZAR COM ARTIGOS
FOTOGRAFICOS, ESCOLARES, CALÇADOS,
ROUPAS DE VESTUÁRIO, CAMA, MESA E BANHO.**

Supermercados

MOGIANO



Amplio estacionamento

Entregas à domicílio

R. Olegário Paiva, 565 - Mogi das Cruzes



TRANSCONTINENTAL
FM
104,7



PROGRAMAÇÃO BEM TRANSADA

Atingindo a um público consumidor ativo de bens e serviços, com sua programação dirigida e diversificada, a Transcontinental vai levar suas mensagens de propaganda aos melhores segmentos de audiência em cada área e horário. Numa região tão desenvolvida econômica e culturalmente falando, fica patenteado o "target" próprio e singular da Transcontinental, não havendo, portanto, possibilidades de desperdício de verbas.



Radio Transcontinental FM
Rua Dr. Deodato Wertheimer, 1413 - Sala 17 A - Sobreloja
Tel.: 468-1300 - Mogi das Cruzes

Um prefeito que ouve Beethoven. E lê Camões

O novo prefeito de Mogi das Cruzes é admirador de música clássica e seus autores favoritos são Mendelssohn e Beethoven. Tem também especial predileção pelos clássicos da literatura e seu livro de cabeceira é Os Sertões, de Euclides da Cunha. "Gosto de saborear a riqueza daquele texto", diz ele, que também aprecia Os Lusíadas. Influenciado pela cultura humanista, Antônio Carlos Machado Teixeira tem interesse especial pela História. Aos 40 anos – ele faz 41 no dia 6 de janeiro –, Machado Teixeira é ainda apaixonado pelo xadrez, de onde retirou esta comparação: "A política é como um jogo de xadrez: você tem de refletir antes de agir e antecipar os lances que o adversário eventualmente possa dar".

Neto do ex-prefeito Frederico Straube, esse mogiano que nasceu em São Paulo ("fui lá apenas para nascer") diz que sua única vaidade é intelectual. "Gosto de ser respeitado pela minha capacidade intelectual. O ponto de vista físico, ou o aspecto pessoal, como roupas e carros, não me diz nada.

Machado estudou no Grupo Escolar Coronel Almeida, depois no Instituto de Educação Washington Luiz, fazendo Direito no Largo São Francisco, cur-



Machado e Miriam, no time social



Aos 12 anos, um escoteiro...



... bebê, em 1943...



...com Frederico, o avô prefeito...



e na juventude.

sando pós-graduação em Administração de Empresas na Getúlio Vargas. "Sou professor universitário graças ao padre Mello", costuma dizer. Casado com Miriam Romano Machado Teixeira, ele guarda com precisão as datas. "Começamos a namorar no dia 5 de março de 1960 e nos casamos a 15 de outubro de 66", recorda com satisfação.

O OUTRO LADO – Miriam, sua mulher, tem 36 anos e é uma figura de destaque na vida social da cidade. Glamour Girl na década de 60 e Glamour Lady no final dos anos 70, ela está interessada agora em

outras prioridades – quer, em resumo, desenvolver o outro lado que descobriu: o direito de sair de casa vestida como quiser e, principalmente, "sem a obrigação de estar sempre impecável". Não quer dedicar-se apenas à promoção social, pois quer utilizar sua formação profissional – ela leciona Educação nas Faculdades Braz Cubas e Universidade de Mogi das Cruzes. "Estou muito preocupada com a pré-escola, que receberá atenção especial". O casal tem três filhos: Flávio Augusto, 15 anos; Maria Paula, 12; e Maria Leticia, de 5 anos.

SOLTE OS CACHORROS.

Toda atenção é pouca. Mas, às vezes, fechar as portas, as janelas e soltar os cachorros não adianta muito. Ladrão não tem hora para roubar e matar. Quando resolve entrar numa casa,

não escolhe por onde: entra, sem dó.



Instalação – Sistema de Alarme e Segurança – Residencial e Comercial

R. Prof Flaviano de Mello, 1289 ☎ 469 6746 M. Cruzes.

gime socialista, mas gastamos no regime capitalista.

Atrás desse jeito tranquilo existe uma pessoa de ferro

ATO – A oposição, durante a campanha, falou muito em gerar novos empregos.

MACHADO – A Prefeitura diretamente não pode gerar empregos, nem deve, pois se tornaria um cabide de empregos. Ela pode, através de incentivos, trazer indústrias que beneficiem o município. Mas sem procurar caixinhas, propinas, comissões de corretagem e coisas parecidas, pois nenhum empresário gosta de trabalhar nestas condições, porque, se hoje são capazes de pegar 10% de caixinha, amanhã poderão mudar a legislação, forçar uma situação e cobrar taxas absurdas de licença e outras coisas por aí.

ATO – Nos últimos 14 anos as pessoas mais poderosas da cidade, a elite dominante, os empresários, conviveram amistosamente com o poder. Essa virada, agora, não lhe poderá trazer transtornos?

MACHADO – Existe uma elite dominante na cidade? Será que está organizada? Ou estava muito mais preocupada com os seus próprios negócios do que outra coisa. Existia aqui um sistema ditatorial que era levado a ferro e fogo pela política local e que não deu certo.

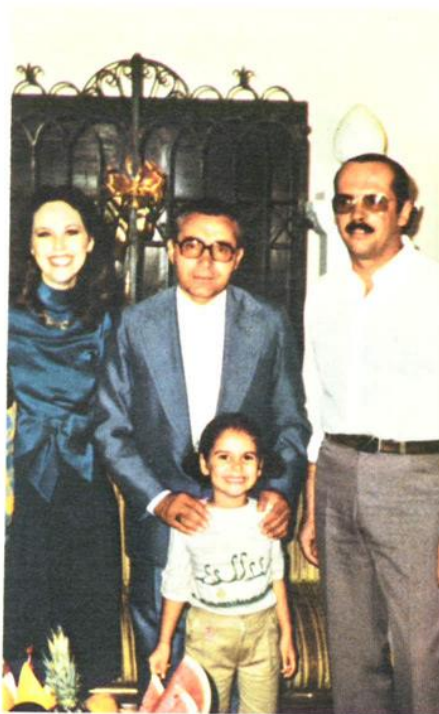
ATO – Você disse durante a campanha que as pessoas não gostam de ser comandadas. Pas-

sadas as eleições, nota-se o papel importante de Jacob Lopes, deputado eleito com expressiva votação e fundamental na campanha de todo o PMDB. Ele não poderia ser uma sombra, a chamada eminência parda?

MACHADO – A votação que obtive me deixa à vontade em relação a qualquer pessoa do meu partido. Jacob Lopes apoiou os três candidatos indistintamente e não pediu compromisso especial de ninguém para esse apoio. Político astuto, empresário muito bem-sucedido, ouvi dele há pouco tempo a seguinte expressão: “É, Machado, todo mundo sabe que você não vai ser um prefeito banana”. Eu vou apoiá-lo politicamente porque preciso desse apoio. Agora, o meu secretariado, a Prefeitura que vou fazer funcionar, é da minha exclusiva conta e não admitirei interferência de ninguém. Atrás dessa fisionomia tranqüila existe uma pessoa de ferro. Vocês podem ter certeza disso. Nunca admiti que alguém interferisse na minha esfera de atribuição e responsabilidade. E a minha vida funcional está aí para provar isso. Nesta altura eu sou funcionário do senhor Paulo Maluf, sou um promotor público e não poderia estar no PMDB.

ATO – Os companheiros de legenda, Rubens Magalhães e Aécio Yamada, eles participarão de seu governo?

MACHADO – Tenho compromissos políticos de apoiá-los em futuras lutas políticas. Ponto final. Chego à Prefeitura sem qualquer



Machado e D. Emilio: apoio da Igreja

tipo de compromisso e nenhum tipo de aliança. Não devo nada a ninguém, não tenho de retornar investimento para quem quer que seja.

ATO – E a Câmara Municipal, onde tradicionalmente não costuma haver partidos, minoria e maioria, pois sempre está com o prefeito?

MACHADO – Eu espero que ela seja muito

atuante e muito crítica, mas que tenha o suficiente bom senso para aprovar os projetos que interessam à comunidade. Não vou falar desta Câmara porque não sou o seu prefeito.

ATO – Você falou a pouco sobre a Imprensa. Que avaliação fez dos contatos que teve com ela durante a campanha?

MACHADO – Eu ressalvo a posição da revista **ATO**, para a qual até mesmo fiz uma carta louvando a imparcialidade. Com relação aos demais órgãos de imprensa, o próprio público pode julgar como agiram em relação ao PMDB. A imprensa local não fez jus aos princípios éticos que regem o jornalismo. Parece-me que a cidade é testemunha disso.

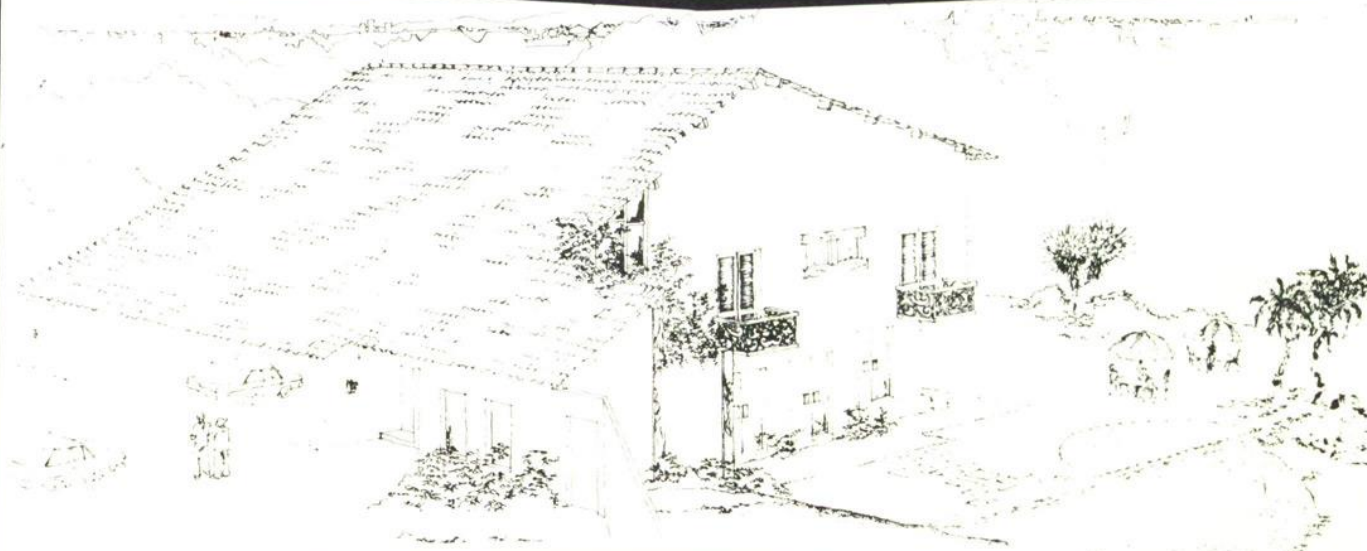
ATO – A Igreja jogou um papel importante em sua eleição.

MACHADO – Uma das coisas que me levaram a postular a candidatura foi uma série de ataques que um vereador, para se promover, estava fazendo contra a Igreja. Tinha até desistido da idéia da candidatura. Eu, como sou católico participante, achei que deveria contribuir, de alguma forma, com a Igreja, procurando defendê-la. Trata-se de uma instituição respeitável. Terá seus erros, terá seus acertos, mas é uma instituição respeitável. E a opinião da Igreja é uma opinião muito importante, como importante foi o apoio que deu a mim. Quanto a esse vereador, prefiro não pronunciar seu nome. A população o conhece.

Fernando Leal e Vanice Assaz.



**ADMINISTRAÇÃO
PROJETOS
CONSTRUÇÕES**



Rua Cel. Santos Cardoso, 283 - Tel. 469 4168 - MOÇIL DAS CRUZES

Quando o Banco faz mais,

Os serviços que um banco presta a seus clientes são os produtos que ele tem para oferecer. Devem ser perfeitos, eficientes e rápidos. O Banco Real tem esses produtos. Porque ele é um banco que vive aperfeiçoando seus serviços.

Ser cliente do Banco Real é trabalhar com um banco que facilita tudo para você. E no Banco Real você encontra tudo o que precisa em todas as agências. Desde uma Caderneta de Poupança até um Crédito Direto. O Banco Real financia sua viagem, seu carro, sua televisão, seu vídeo cassete, sua geladeira, o dentista, o médico e, ainda, o dinheiro que você precisa com urgência.

Tudo na hora, sem complicações, com juros menores e 100% de financiamento.

Sempre que você pensar nesse problema, escolha as soluções do Banco Real. Elas estão em cada uma de nossas agências como um produto na prateleira. Perfeitas e descomplicadas.

BANCO REAL

O banco que faz mais por seus clientes.

O prefeito de

* Carlos Eduardo M



No início da recente campanha eleitoral, havia equilíbrio das preferências do eleitorado de Mogi das Cruzes entre as legendas do PDS e PMDB. No entanto, à medida que os eleitores mogianos foram tomando conhecimento da vinculação de votos, passaram a preferir votar na oposição.

Em setembro, os eleitores votavam no prefeito do PDS e no governador do PMDB.

Decidiam Votar:

Setembro/1982

	Intenção de Voto para	
	Prefeito	Governador
	%	%
PDS	41	26
PMDB	25	38
PT	4	11
PTB	3	7
PDT	3	1

A vinculação de votos, contudo, fez com que os eleitores se defrontassem com a necessidade de optar: ou o voto municipal no PDS ou o voto estadual no PMDB. A decisão recaiu no voto estadual.

Preferências por Candidatos a Governador:

	Set.	Out.	Nov	Eleições
	%	%	%	%
Franco Montoro	38	45	45	49
Reynaldo de Barros	26	30	24	30
Luís I. (Lula) da Silva	11	8	7	4
Jânio Quadros	7	6	5	5
Rogê Ferreira	1	1	2	1

Em consequência, os mogianos viram-se na contingência de procurar no PMDB um candidato a prefeito que pudesse compor sua chapa com o governador preferido. Assim, nota-se (quadro abaixo) que houve tendência inicial pelos candidatos a prefeito pelo PDS, mas a vinculação acabou arrastando para cima Montoro e os candidatos a prefeitos do PMDB.

Preferências por Candidatos

	Set.
	%
a Prefeito...	41
do PDS	25
do PMDB	3
do PT	3
do PTB	3
do PDT	3

Realizadas as eleições, acabou a preferência. Votou-se realmente no PDS para prefeito. Assim, houve uma mudança de preferência para o PDS (35%), do que para o PMDB (49%) do que para a oposição.

INDECISÃO

A 15 dias das eleições, uma pesquisa Gallup de Opinião Pública estava indecisa quanto ao voto para o PMDB. Enquanto o PMDB tinha apenas 23% do PDS, a pesquisa (12%) era extremamente indecisa quanto a prefeito iria votar. O prefeito Magalhães vinha em uma tendência de preferência do eleitorado, o que esperava-se para ocupar o cargo de prefeito Antônio Carlos Machado Teixeira, vinham crescendo nas pesquisas.

As Preferências

	Set.
	%
Rubens N. Magalhães	21
A. C. M. Teixeira	6
Aécio Yamada	3
(PMDB)	(30)
Francisco R. Nogueira	16
Junji Abe	11
Nicolau L. de Almeida	3
(PDS)	(30)
Outros candidatos	14
Indecisos/em branco	26

As pesquisas realizadas com os eleitores estavam cada vez mais indecisas quanto a prefeito em função do candidato de menor preferência em função das pesquisas realizadas.

a vinculação

Meirelles Matheus

	Out.	Nov.	Eleições
%	%	%	%
1	41	28	35
5	29	33	44
3	3	4	4
3	1	1	3
3	1	2	1

ibou-se verificando essa diver-
o PMDB para governador e no
ouve mais votos para prefeitos
governador do PDS (30%), do
im mais votos para governador
prefeito (44%).

ÃO FINAL

a pesquisa realizada pelo Insti-
ca revelava que os mogianos
os candidatos a prefeito do
ha 33% dos votos para prefeiti-
a taxa de indecisos na oposi-
nais elevada que a existente no
ham dúvidas em qual dos can-
O candidato Rubens Nogueira
ndência decrescente nas pre-
faz supor que não reunia as
par a Prefeitura. Os candidatos
Teira e Aécio Yamada, ao con-
preferências.

	Out.	Nov.	Eleições
%	%	%	%
21	16	16	10
6	10	11	24
3	5	6	9
40	(31)	(33)	(43)
6	17	13	19
1	14	9	13
3	2	1	1
40	(33)	(23)	(33)
4	7	8	8
6	29	36	16

cidade revelavam ainda que os
eis escolhendo um candidato a
fato a governador e cada vez
des pessoais do próprio candi-

Escolheriam o Candidato a Prefeito em Função ...	Set. %	Out. %	Eleições %
- do Partido do Candidato a Governador	14	17	18
- das qualidades pessoais do candidato (média de 7 itens)	10	7	6

No início de novembro, o candidato que reunia mais pre-
ferências em função do partido era Machado Teixeira:

Escolheriam em Função...	Ma- cha- do Tei- xeira	Rubens Maga- lhães	Aécio Ya- mada	Junji Abe	Francisco No- guei- ra
	%	%	%	%	%
-do Partido do Candidato a Governador	19	14	14	9	11
-por ser mais falado	6	13	8	5	10
-por ser mais capaz	10	4	8	6	8
-por simpatia pessoal	13	7	8	11	10
-por ser o melhor	7	9	6	13	3
-por conhecerem pessoalmente	16	9	11	8	22
-por ser culto, inteligente	13	1	6	1	1

Nota-se que o candidato Rubens Magalhães era apenas o
mais conhecido entre os postulantes do PMDB, mas não era o
que atraía maiores comentários favoráveis entre seus pró-
prios eleitores. Por outro lado, em outubro de 1981, em outra
pesquisa, o Instituto Gallup de Opinião Pública constatou
que o prestígio pessoal de Rubens Magalhães não era dos
mais elevados. Entre 11 nomes pesquisados, ele ocupava o
último lugar:

PRESTÍGIO DE LÍDERES POLÍTICOS DE MOGI (1981)		%
Waldemar Costa Filho		62
Maurício Najár		58
Tarcísio Damásio da Silva		51
Nobolo Mori		45
Junji Abe		38
Francisco Ribeiro Nogueira		36
Padre Manoel de Mello		33
Oswaldo Ornellas		32
Rubens Magalhães		32

Diante desses baixos índices de popularidade do candi-
dato mais conhecido do PMDB, era natural que os eleitores
mogianos fossem procurar um outro nome

Este outro nome foi o de Machado Teixeira: sua imagem
era menos controversa do que a de Magalhães

* Carlos Eduardo Meirelles Matheus é o proprie-
tário do Instituto Gallup de Opinião Pública.

o cliente compra mais.



O Banco Real financia sua viagem
para os 4 cantos do mundo.
E se você quiser comprar um
avião, também é só procurar
o Banco Real.

Sabe aquele vídeo
cassete dos seus sonhos?
Passe no Banco Real
e num
instante
ele vai se
tornar uma
realidade.



O Banco Real financia
em até 24 meses o preço
total do seu veículo.
Não era isso que
você precisava?



Para qualquer outro tipo de
financiamento é só
procurar o Banco Real.
Quem faz mais tem mais para oferecer.

BANCO REAL

O banco que faz mais por seus clientes.

A Câmara da transição

Os vereadores do PMDB vêm com muitos planos e vontade de acertar, enquanto os do PDS não estão prometendo oposição sistemática ao prefeito. Querem apenas trabalhar pela cidade. PT, PTB e PDT não têm representantes.



JOSÉ MARCOS GONÇALVES, 51 anos, casado, foi o vereador mais votado de seu partido. Na Câmara desde 1960, rejeitou legenda para se candidatar a prefeito por acreditar que Machado seria melhor aceito. "Continuarei ajudando naquilo que considerar correto, como a construção da Mogi-Bertioga." **PMDB, 2.116 votos, 2.º colocado.**



JOSÉ ANTÔNIO DE FIGUEIREDO CARIA, 35 anos, solteiro, português naturalizado, professor e psicólogo, foi a grande surpresa destas eleições. Ingressou no PMDB em 1976 e sua votação foi sustentada por professores e moradores do Mogi Moderno, bairro onde reside. Está preocupado com soluções para os problemas nacionais. **PMDB, 2.077 votos, 3.º colocado.**



JOSÉ ANTÔNIO CUCU PEREIRA, 41 anos, casado, é funcionário público federal. Cansado das promessas não cumpridas, Cucu decidiu ingressar na política mogiana e eleito quer lutar pelas reivindicações do funcionalismo, "que vem sofrendo privações des-

necessárias". Acha que a virada em Mogi é reflexo de insatisfação. **PMDB, 1.708 votos, 4.º colocado.**



ROMILDO DE OLIVEIRA CAMPELO, pernambucano, advogado, 38 anos, casado, foi funcionário da Câmara e tem contra si um processo administrativo. Quer ser um elo entre o prefeito e a população, lutar para a "moralização do Legislativo" e conseguir que as sessões da Câmara sejam à noite, permitindo a presença dos trabalhadores. **PMDB, 1.550 votos, 6.º colocado.**



TADAO SAKAI, 42 anos, advogado, começou sua carreira no MDB, passou para o PDS e, em 81, retornou ao PMDB. Com maioria na Câmara, prefeito e governador do mesmo partido, está confiante em que "Mogi terá uma administração muito mais dinâmica". Sakai nasceu em Santa Cruz do Rio Pardo e sua primeira eleição foi em 76. **PMDB, 1.531 votos, 7.º colocado.**



JOSÉ CARDOSO PEREIRA, 40 anos, casado, professor de História e Geografia, foi eleito pela primeira vez em 76. Neto do ex-prefeito João Cardoso Pereira e filho do ex-vereador José de Lourdes Cardoso Pereira, o atual 2.º secretário da Câmara acha que o novo governo mogiano estabelecerá novo conceito de autoridade. **PMDB, 1.293 votos, 10.º colocado.**

RIG

MODA MASCULINA

As últimas novidades da moda masculina para este verão. Antecipe suas compras de Natal.

Tudo sem entrada e em 5 pagamentos sem acréscimo. Crédito especial para estudantes.

R. Dr. Deodato Wertheimer, 1473
Fone: 469-1988
Mogi das Cruzes



NELSON MESQUITA, 49 anos, é funcionário da Fábrica de Papel Simão há 27 anos. Foi candidato a primeira vez em 64, pelo Partido Republicano, mas não se elegeu. Agora, vencedor, vai trabalhar pelos bairros do Rodeio e Ponte Grande, interessando-se também pelo esporte e assistência social. Elegeu-se através de reuniões. **PMDB, 1.177 votos, 12.º colocado.**



JOSÉ CARLOS DE SOUZA, 34 anos, é casado e esta foi a sexta vez que se candidatou. "Não quero fazer promessas à população da cidade. Primeiro vou conhecer bem os problemas", diz José Carlos, o "charutinho", que escolheu o partido por ser o que "mais se enquadra com a minha linha democrática de pensamento". **PMDB, 1.128 votos, 14.º colocado.**



SETHIRO NAMIE tem 51 anos e foi o mais votado nestas eleições. Casado, Namie nasceu em Xiririca, no Vale do Ribeira, estando em Mogi há 35 anos. Para ele, eleição é um julgamento. "Faz seis anos que estou na Câmara e sinto que meu trabalho foi aprovado pela população. Por isso, continuarei no mesmo caminho." **PDS, 2.119 votos, 1.º colocado.**



MIGUEL SANCHEZ, 39 anos, também conseguiu eleger-se na segunda tentativa. Ele é casado, advogado, técnico em contabilidade e administração de empresas, especializando-se em assuntos tributários e custos. Vai trabalhar pela periferia e preocupa-se com saúde, educação, transporte e saneamento básico, principalmente. **PMDB, 1.171 votos, 13.º colocado.**



Se o seu imóvel precisar de um pouco de carinho, de uma atenção muito especial e da confiança de um trabalho profissional, fale hoje mesmo com a **MEZANINO**



R. Prof. Flaviano de Mello, 1289
Fone: 469-6746 - M. Cruzes.



LOJAS ANDRADE

perfumaria

- cosméticos
- perfumes
- artigos para cabeleireiros

LOJA 1 - R. Paulo Frontim, 102 - Tel: 469-6185
LOJA 2 - R. José Bonifácio, 148 - Tel: 469-4865
BREVE-LOJA 3 - R. Cel. Souza Franco, 388



FRANCISCO MOACIR BEZERRA, 33 anos, é médico e acaba de entrar na política. Chico Bezerra, como é conhecido, está em Mogi há 14 anos e é parente do deputado Manoel Bezerra de Mello. É casado, professor universitário e diretor clínico da Santa Casa. Não espera, com a bancada de 8 vereadores, ter problemas por ser minoria. **PDS, 1.562 votos, 5.º colocado.**



NORBERTO DE CAMARGO MANGUEIRA ENGELENDER tem 34 anos, é casado, economista e professor. É vereador pela segunda vez e achou pouco expressiva a votação do partido. **PDS, 1.312 votos, 9.º colocado.**



IVAN NUNES SIQUEIRA, 50 anos, passou maus bocados e quase não se reelege, interrompendo carreira de 23 anos no Legislativo. Casado, Nunes diz que quando deixou o PMDB, em 81, estava consciente dos problemas que iria encontrar pela frente, "pois a oposição tem sempre suas obrigações limitadas. Agora já sou opositorista novamente". **PDS, 1.010 votos, 16.º colocado.**



OLÍMPIO TOMIYAMA, 33 anos, estava tranqüilo durante os dois primeiros dias de apuração, quando recebeu poucos votos. Abertas as urnas da área rural, contudo, conseguiu a vaga. **PDS, 1.022 votos, 15.º colocado.**



BENTO ANTÔNIO DE OLIVEIRA inicia seu terceiro mandato. Nasceu em Mogi, é casado e não está nem um pouco assustado pelo fato de ser minoria. Acha até que isso é muito bom. "pois será mais fácil trabalhar e haverá mais liberdade para fazer críticas construtivas". Atualmente ele é o presidente da Câmara. **PDS, 1.506 votos, 8.º colocado.**



LUIZ ALVES TEIXEIRA, 48 anos, acreano, casado. "Integrar a minoria não significa encontrar maiores problemas." **PDS, 1.186 votos, 11.º colocado.**



LUIZ BERALDO DE MIRANDA, 58 anos, casado, advogado, foi outro que tomou um grande susto, sendo o último dos vereadores eleitos. Está na Câmara há 16 anos. Em menos de três meses deixou de ser situação para virar oposição, mas isso não o preocupa. "Os objetivos em benefício da cidade são comuns aos dois partidos", diz ele. **PDS, 1.007 votos, 17.º colocado.**

Super NGK

Chegou pra revestir Mogi e Região



Os Revestimentos Porcelanizados NGK já estão à sua disposição na CASA OLIVEIRA. Com eles você poderá criar ambientes de beleza e sofisticação. São dez exclusivas linhas com enorme variedade de modelos e cores. Padrões personalizados para revestir banheiros, lavabos, corredores, halls, colunas, fachadas, salões de festas, cozinhas, piscinas, etc. Se você mora em Mogi das Cruzes e Região venha à CASA OLIVEIRA e conheça os Revestimentos Porcelanizados NGK - Material que reúne nobreza e resistência, usado no mundo inteiro como a mais criativa solução para revestimentos.

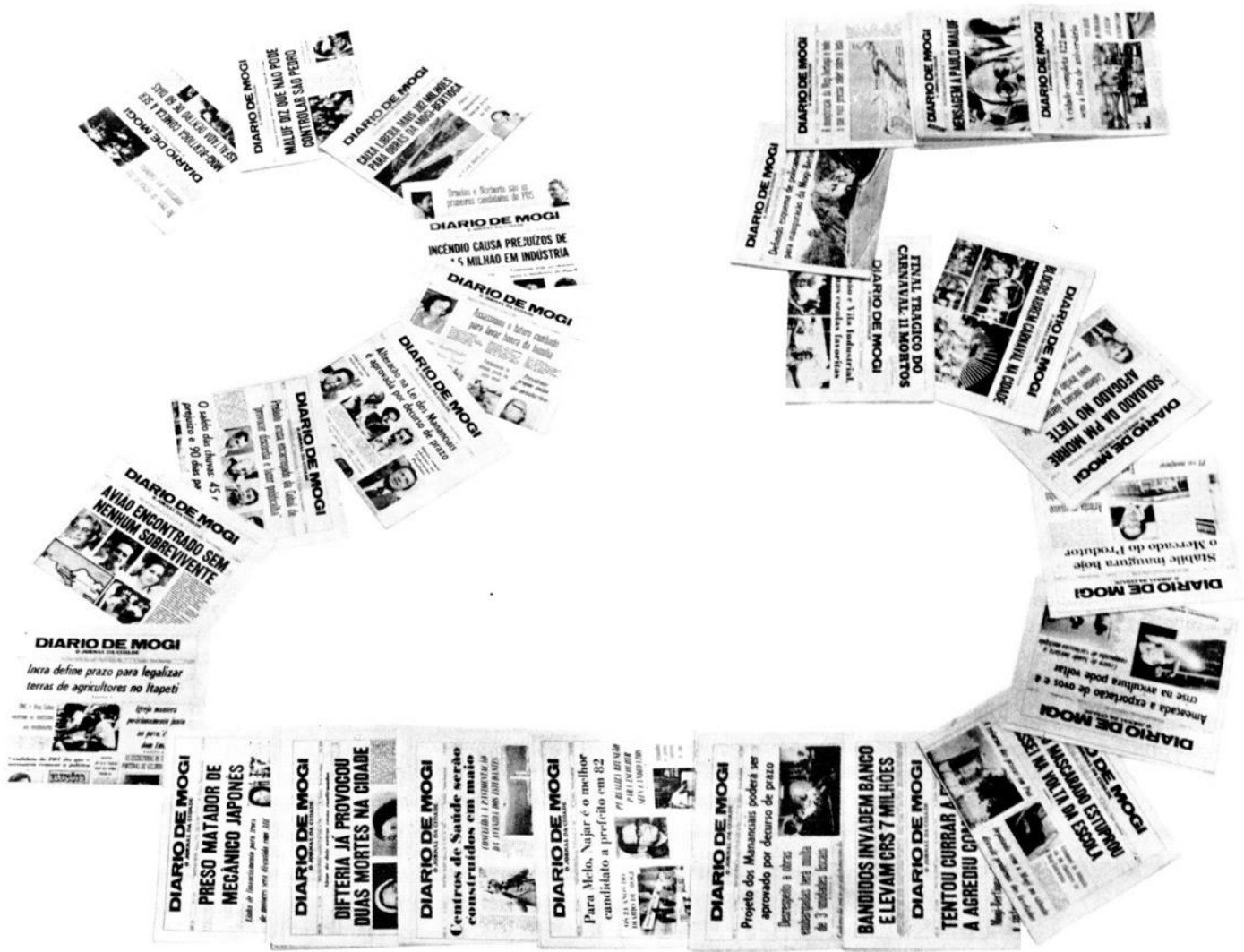
Super NGK O Revestimento Classe A



CASA OLIVEIRA

FUNDADA EM 1926
Rua Barão de Jaceguai, 481
Mogi das Cruzes - SP

LINHA GRAN REAL VERMELHO ANGRA



13 de Dezembro de 1982 será um dia muito especial. É que o Diário de Mogi completará 25 anos de existência. Quase ninguém sabe, mas são 25 anos que, dia após dia, noite após noite, muita gente está trabalhando duro para trazer até você a mais verdadeira história de sua cidade. São 25 anos que jornalistas correm sem cansar pelas ruas à procura de fatos e acontecimentos, voltam rápido para a redação, preparam a matéria, selecionam as fotos e passam para o estúdio revelar, os diagramadores montam as páginas, entregam textos para a composição, fazem revisão, ficam horas aprontando máquinas e material de impressão. E são 25 anos que esse pessoal faz tudo isso com muita vontade, dedicação e a mesma euforia com que foi feito o primeiro número.

DIÁRIO DE MOGI
Rádio e Jornal





Ybirá F. Sorrentino

Foi um acontecimento que Mogi das Cruzes não deve esquecer tão cedo. O casamento de **Luciane Miranda de Paula** e **Davi Chermann**, no dia 11 de novembro, deixou os quase mil convidados que acompanhavam a cerimônia na Catedral e depois no Clube de Campo da cidade envoltos numa atmosfera de sonho e magia. Na Catedral, onde o bispo diocesano D. Emílio Pignolli celebrou o casamento, o coral Bacarelli encheu a grande nave com sobriedade e beleza.

No Clube de Campo, a Orquestra de Ed Costa encarregou-se dos retoques finais. À entrada dos salões um solo de violino aguardava, junto com os noivos, os convidados. Os primeiros a chegar foram recebidos por *Limelight*, de Chaplin. Depois o *buffet* França e a orquestra de Costa levaram os convidados madrugada adentro.



Impulsionada pela idéia de que "a vida é uma pirâmide cujo ápice, a juventude, é ponto onde se permanece o tempo que se queira, desde que se cuide e alimente bem o corpo", **Zilda Bianconcini da Silva** teve a satisfação de contemplar o Teatro Municipal Paschoal Carlos Magno fechando suas portas por não caber mais ninguém na platéia, onde 130

alunos seus apresentariam 21 números de dança clássica, moderna, jazz, ginástica rítmica e olímpica. Tratava-se do IV Festival de Ginástica e Música do Colégio São Marcos – novo sucesso que neste ano exigiu cinco meses de trabalho, desde a escolha de músicas, vestuário e coreografias, tarefa da qual também participaram os estudantes. Nem mesmo a proximidade entre palco e público, devido à superlotação, diminuiu o sucesso. Ao contrário: a professora faz questão de incentivar a relação, preparando até o encontro de pais e alunos durante o espetáculo. Há quatro anos no Colégio São Marcos, Zilda Bianconcini da Silva, 36 anos, sempre organizou os festivais da escola e todos os anos sua preparação é época de grande excitação entre os estudantes. "A Educação Física por si só não incentiva o aluno. Por isso, em minhas aulas, há uma adaptação entre ela e a dança. As alunas fazem exercícios físicos sem perceber e, conscientes de que a vida é uma pirâmide, trabalham para não ter uma descida rápida". O V Festival de Ginástica e Dança do Colégio São Marcos, em 83, incluirá o folclore brasileiro.

Quando assumiu a função de instrutor da 12.ª Academia da Associação Butoku-Kai, há cerca de seis meses, o médico **Roberto Batalha**, 26 anos, um endocrinologista, pretendia mostrar através de suas aulas, que o Karatê, ao contrário do que se costuma pensar, não é um esporte agressivo, além de possuir fundamentos filosóficos. Isso acabou atraindo as mulheres, que já representam mais de 20% do total de inscrições. Hoje no grupo de 70 alunos, há 18 mulheres.

Com 10 anos de experiência, o faixa preta Batalha não se surpreende com esse tipo de adesão. "As mulheres, diz ele, evoluíram nos últimos anos e livram-se de vários preconceitos. Estão descobrindo esse esporte". Realmente durante o curso, elas se adaptam perfeitamente aos exercícios, recebendo, além de noções de defesa pessoal, estímulos de cooperativismo, disciplina, respeito e tolerância, sem perda da feminilidade.

As aulas, três vezes por semana no Clube de Campo, têm também a preocupação de mostrar aos alunos que a agressividade humana pode ser controlada e utilizada de forma adequada. "Não ensinamos técnicas de briga", avisa Batalha. Uma dessas aulas atraiu a jornalista Elisete Cipolla, 27 anos, e há quatro meses na associação, segundo ela, as ginásticas tornam o corpo mais saudável e a filosofia do Karatê ajuda a viver melhor. Quanto às técnicas de defesa pessoal, Elisete só as utiliza em casos de "extrema necessidade".



Uma pequena relação mimeografada dos nomes de ruas de Mogi das Cruzes, distribuídas gratuitamente aos comerciantes locais em 1964, acabou levando **Cícero Buark**, 41 anos, a editar no ano seguinte – já com tiragem de 5 mil exemplares – o primeiro *Cicerone Book*, o guia da cidade que agora completa 18 anos. A tiragem, na época considerada absurda, realmente não evoluiu, mas a parte comercial do guia sim: adotado pelos grandes anunciantes mogianos, ele sairá na sua 18.ª versão com impressão em cores e dados atualizados em suas 144 páginas. Preço: CR\$ 800,00.



Cultivando paixão pelas bebidas desde a época em que trabalhou na Pedro Domec do Brasil, o espanhol Amálio Louzao Rodriguez, 51 anos, concretizou, em novembro, um antigo desejo: ao instalar a Importadora Louzao, criou na cidade um comércio de bebidas finas, vendendo caixas de vinhos, champanhes, conhaques e cherries de regiões privilegiadas da França, Espanha, Itália, Portugal e Alemanha.

Apesar da crise econômica, fantasma capaz de assustar qualquer nova iniciativa, principalmente no ramo da importação, Louzao confia muito em seu grande – e diversificado estoque, acreditando ainda mais no mercado consumidor mogiano, com cacife e paladar suficientes para justificar o empreendimento – uma bem montada casa no número 716 da rua Antônio Cândido Vieira.

Criado num país onde desde criança se aprende a respeitar, conhecer e saborear as boas bebidas, Louzao, há 31 anos no Brasil, que ter uma satisfação extra no novo negócio – discutir e conversar sobre bebidas. “É um deleite observar uma adega com bebidas nobres. Um vinho fino guarda em sua garrafa uma verdadeira vida: em um primeiro momento é uma criança, torna-se adulto e também envelhece. Reconhecendo-se esta trajetória só podemos sentir um grande bem-estar no contato com bebidas nobres”, diz embevecido.

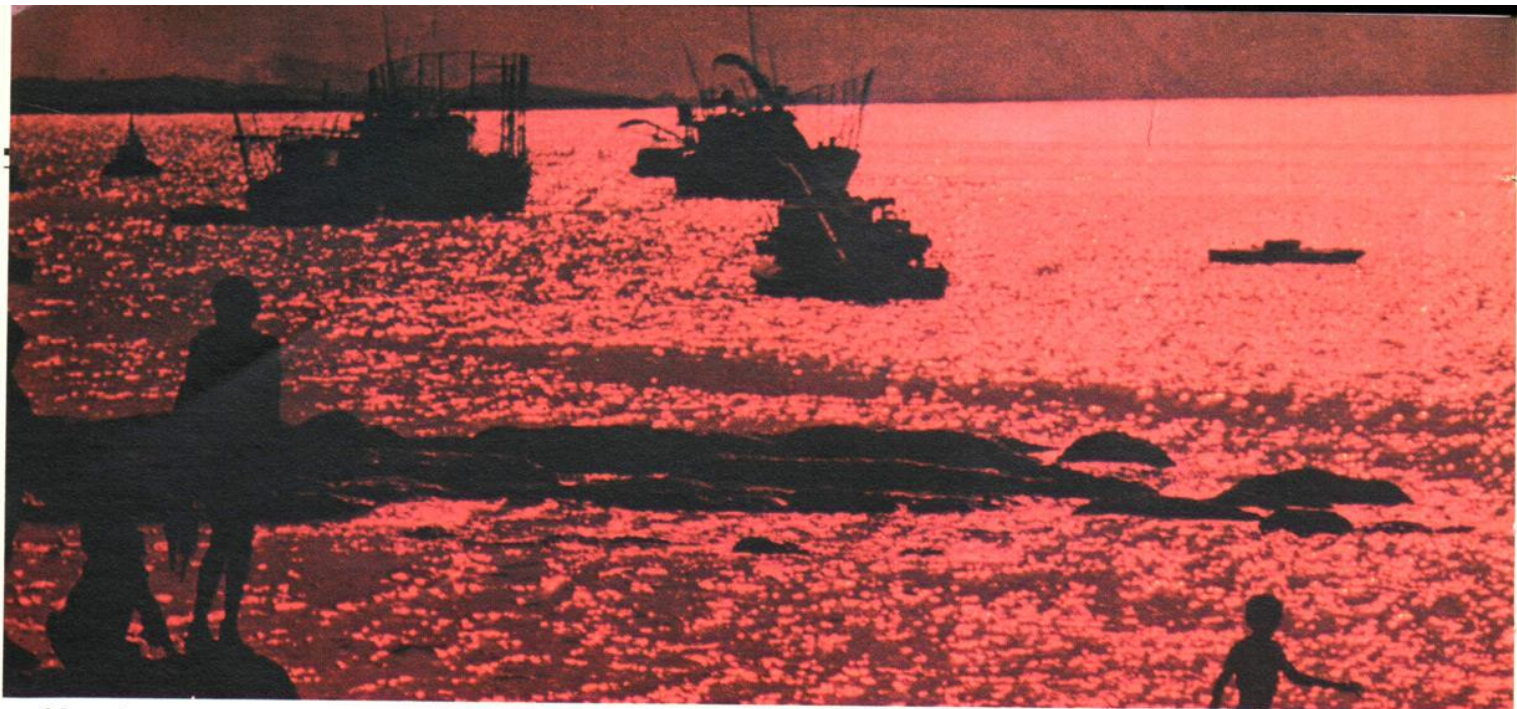
Overeador Ivan Nunes Siqueira, do PDS, possui em sua sala, na Câmara Municipal, dois posters e um quadro que podem chocar o visitante desavisado. Lado a lado estão o guerrilheiro Ernesto Che Guevara, Jesus Cristo e uma Bênção Apostólica do papa Paulo VI, datada de 1973. “Não há contradição alguma” – avisa Siqueira, um cáustico crítico do clero progressista da cidade. “Os posters de Cristo e Guevara estão juntos porque há uma identidade enorme entre os dois personagens”, proclama ele, que também vê essa identidade em si mesmo.



Atrês meses das eleições, o ex-governador Paulo Salim Maluf encontrava-se em Mogi, quando, na casa de Valdemar Costa Neto, foi chamado ao telefone. Era nada menos que o senador Tancredo Neves, do PMDB mineiro e candidato a governador naquele Estado. Neves, um dos políticos mais hábeis do País, queria a liberação de seu sobrinho, Bernardo Tolentino, funcionário da Eletropaulo em Mogi das Cruzes, para utilizá-lo em sua campanha. Maluf, cordial, atendeu ao pedido do senador, e Tolentino foi licenciado, transformando-se num dos homens-chaves da assessoria do senador. Hoje, com a vitória de Tancredo, o sobrinho passará os próximos quatro anos em Belo Horizonte. Em Mogi, onde mora há alguns anos, Tolentino apareceu pouco. Principalmente porque, como bom mineiro, preferiu os bastidores.



Desde 1976, a cada viagem feita aos Estados Unidos, o advogado e industrial Antônio Luiz Nicolini nunca deixou de preencher a cota de quatro garrafas de uísque permitida para cada adulto – como também esteve sempre atento aos leilões de bebidas que se realizam frequentemente em São Paulo. O resultado, seis anos depois, são mais de 400 garrafas de 82 marcas diferentes. Há exemplares valiosos como um *Ballantine's* 30 anos e um litro de *White Horse* que ocupa local especial na coleção de uísque de Nicolini. Foi a primeira garrafa adquirida. A marca predileta, no entanto, é um raro *Jack Daniel's*, uísque feito no Tennessee. Trata-se de acervo respeitável de *scotchs*, mas Nicolini, 33 anos, diz que uma boa coleção precisa de 150 marcas – meta difícil e que envolveria viagens aos países europeus, já que as suas 82 espécies contemplam praticamente tudo o que se vende em nações americanas. “Por enquanto procuro manter contato com apreciadores que podem efetuar algumas trocas, além de participar de leilões”, explica o colecionador.



Mucuripe: a praia cantada por Fagner tem pôr-do-sol paradisíaco e peixadas de deixar saudades

TURISMO

O paraíso do sol

O Ceará, um oásis onde o verão domina todas as quatro estações do ano, é também a mais sulista de todas as capitais do Nordeste. Não é tudo: sua comida e artesanato são de primeira linha

No Ceará você pode sentir-se num oásis ou num deserto – dependendo da região em que se encontrar –, com a vantagem de quase sempre poder contar com um mar muito verde e tépido para lhe refrescar, nesta terra onde o verão domina as quatro estações do ano. É claro que o Estado não é só litoral, mas para o turista do Sul é esta a região mais interessante, com exceção da serra cearense, na divisa com o Piauí, onde a visita vale pela surpresa da temperatura – por volta de 17 graus – e pela vegetação abundante, depois de horas de viagem pelo sertão.

Quem for a Fortaleza tem de tomar cuidado para não passar todo o tempo percorrendo o mercado e as lojas em busca de artesanato – o mais bonito e barato que se pode encontrar no Nordeste –, que varia desde os tradicionais bordados e rendas de bilro até peças de ourivesaria e prata. A procura é tão grande que o artesanato passou a ser assunto de Estado, levando a mulher do



O artesanato concorrendo com as belas praias

governador, Luíza Távora, a criar uma central de comercialização e exportação, transformando-o numa das maiores fontes de renda da população. Somente na capital existem pelo menos três pólos de vendas dos produtos da cultura popular.

Os trabalhos artesanais concorrem com as praias na lista das maiores atrações. O Ceará

passou a ser conhecido internacionalmente depois que os turistas descobriram a Costa do Sol, e existem até mesmo histórias que tomam características de lenda para explicar por que franceses e italianos encontraram primeiro os encantos de um litoral ainda selvagem.

Dentre as suas praias mais famosas e procuradas está Canoa Quebrada, que, segundo contam seus moradores, se tornou conhecida pelos europeus no início da década de 60, quando foi assunto de um documentário feito por uma equipe francesa. O chefe da *troupe* levou com

ele uma menina, filha de pescadores da região, e, como um pigmalião, transformou-a em personagem ativa do *jet-set* europeu, que passou a divulgar entre os amigos e conhecidos as belezas e mistérios de sua terra de hábitos simples e primitivos.

Verdadeira ou não, a história trouxe muito turista estrangeiro e isso atraiu o brasileiro,

que começou a chegar à Costa do Sol no início dos anos 70, aumentando o interesse depois que o mais festejado dos exilados – Fernando Gabeira – incluiu a praia no seu caminho de volta ao Brasil. Quanto mais se caminha para o Sul, em direção à divisa com o Rio Grande do Norte, mais inóspita se torna a paisagem, e é este o maior encanto daquele litoral que, ao contrário das outras praias do Nordeste, não é cercado por palmeiras e coqueiros.

Nesta região o que atrai é justamente a sensação de se estar fora da civilização, principalmente pelos hábitos da população. Morando em choupanas de palha ou casas rústicas de alvenaria, erguidas no meio das dunas e cercadas de areia, os pescadores recebem a todos como se fossem velhos conhecidos, hospedando-os em suas casas e exigindo, para isso, apenas que cada um tenha sua própria rede.

Até pouco tempo Canoa Quebrada não dispunha de luz elétrica e à noite era festejada com muita "conversa-fiada" entre os grupos que se formavam em torno dos pescadores para ouvir suas histórias fantásticas. As mulheres, sentadas ou acocadas, como os índios, fazendo trabalhos incríveis de labirinto, e as crianças tecendo pulseiras e colares de linhas coloridas.

Hoje já existe gerador, mas a luz é apagada por volta das 22 horas, com exceção dos fins de semana, quando turistas e pescadores se encontram nos forrós animados da vila. Ainda não existem hotéis, mas já se encontram hos-

pedagens com melhores condições de acomodação. O *top less* e o nudismo também já fazem parte da paisagem, embora sejam vistos com reserva pelos pescadores. O acesso ainda é bastante difícil e o ideal seria um jipe, veículo adequado para atravessar as dunas ou os quilômetros de areia que dividem uma vila da outra na Costa do Sol.

Para quem está disposto a um pouco mais de conforto, porém, a saída é ficar hospedado em uma das três pensões existentes no município de Aracati, aproveitando para conhecer a primeira cidade do Ceará, com sua arquitetura colonial portuguesa ainda presente na fachada dos sobradões, cobertos de azulejos trabalhados. Dali fica mais fácil chegar a Majorlândia, famosa por suas areias coloridas e pelo trabalho executado com elas dentro de garrafinhas, onde se vê o desenho das mais variadas paisagens.

Voltando para Fortaleza, é interessante passar por Morro Branco – o balneário sofisticado dos cearenses, com belas casas, dois bons hotéis e a mesma paisagem de toda a Costa do Sol – dunas, falésias, um mar muito azul e jangadas que fazem passeios turísticos pela orla. Esta praia fica logo depois de Beberibe, outra cidadezinha cheia de história pelas suas ruas.

Não estando à procura de aventuras, o visitante que for ao Ceará deve preferir ficar mesmo na Capital, uma das cidades mais "sulistas" do Nordeste. Na Praia de Iracema, Volta da Jurema ou em Mucuripe existem óti-

mos hotéis, do mais sofisticado ao mais aconchegante, com preços variados; restaurantes típicos ou internacionais – todos com os pratos da tradicional comida cearense; bares e boates que reproduzem o clima do Rio de Janeiro, com o movimento de garotas e rapazes durante toda a madrugada. Patinar, ouvir música, curtir a lua, o pôr-do-sol ou simplesmente apreciar o movimento e a paisagem já são ótimos programas nesta parte da cidade, onde se realizam diariamente feiras de artesanato e rodas de viola.

Em Mucuripe, duas coisas tornam a praia especial – além do que Fagner registrou em sua música: a volta dos jangadeiros e os restaurantes especializados em peixada. Um bom programa é ir até esta praia – na continuação da Volta da Jurema, onde fica a maioria dos hotéis – para almoçar o prato mais apreciado da cozinha local e depois esticar, assistindo a verdadeira festa colorida, que é a chegada das jangadas.

Em Fortaleza quase não chove, com aconchegante com o resto do Estado, mas, se alguém disser que está "um lindo dia", pode ter certeza de encontrar o céu pesado e cinzento, porque a chuva é outra festa para os cearenses, e, nesses dias, ou horas, o melhor programa é ir às compras. No Mercado Central, junto ao edifício dos Correios, na rua General Bizerril, 14, você encontra de tudo e é o lugar indicado para "pechinchar", pois faz parte do negócio. Não deixe de pesquisar os preços em vários *boxes*, se não quiser pagar mais caro pelos artigos que vai encontrar em todas as lojinhas.

Este conselho vale também para quem for às compras na Emcetur – antiga Cadeia Pública transformada em galeria de lojas pela empresa estatal de turismo. Lá, assim como na Central de Artesanato Luíza Távora, rua Monsenhor Bruno, 1.132, em Aldeota, os artigos são de melhor acabamento e um pouco mais sofisticados, mas nem sempre mais caros que nos outros locais. Outro local para boas compras é a avenida Monsenhor Tabosa, onde fica a maioria das fábricas e confecções de Fortaleza.

Em todos estes lugares é possível comprar toalhas, colchas e roupa feminina de renda de biltro, labirinto ou filé; bordados sofisticados ou em ponto cruz; artigos de palha, couro, cerâmica. Para comprar as famosas redes nordestinas, porém, é mais aconselhável procurar as próprias fábricas, como a Indústria de Redes Santa Lúcia, na rua José do Patrocínio, 1.484, em Montese, ou a Redes Alvorada, na rua Floriano Peixoto, 244, no centro da cidade.

Embora Fortaleza seja servida por vôos diários de todas as companhias nacionais de aviação, na volta sempre dá vontade de estar com uma camionete, para poder trazer tudo que se encontra à venda.

Eli Serenza, de São Paulo.

Onde comer, beber e dormir

Como uma cidade voltada para o turismo, sua principal fonte de rendas, a capital cearense tem uma variedade de hotéis que atende a todos os gostos e bolsos, na região das praias ou no centro. Os mais sofisticados e interessantes, porém, concentram-se na avenida Presidente Kennedy, ou Beira Mar, assim como os melhores restaurantes. Por isso, aqui está uma lista de sugestões para ajudar na escolha:

Imperial Othon Palace – Para quem gosta de luxo, conforto, misturado com o ambiente exótico próprio de Fortaleza. Na Praia do Meireles, avenida Presidente Kennedy, 2.500, fone: 224-7902. **Esplanada Praia Hotel** – É outro cinco estrelas na Beira Mar, 2.000, fone: 224-8555. **Praiano Palace Hotel** – Na avenida Presidente Kennedy, 2.800, fone 224-7902. Este hotel até pouco tempo ainda não havia sido classificado, mas deve incluir-se entre os quatro estrelas pelo conforto e serviço que oferece. **Iracema Palace Hotel** – Também na avenida da

praia, fone 231-0066. Este hotel é mais simples e barato que os anteriores. **Excelsior Hotel** – No centro da cidade, na avenida Rio Branco, 829, fone 231-1533, classificado como três estrelas. **São Pedro Hotel** – Na rua Castro e Silva, 81, fone 231-0666, também no centro de Fortaleza, este é um dos mais antigos e tradicionais da cidade.

Entre os restaurantes estão o internacional e sofisticado **Tragic's**, onde se reúne a sociedade e os políticos de Fortaleza. Lá se come de tudo, desde os pratos da cozinha mundial até as maravilhosas lagostas e camarões trazidos diariamente do mar cearense. O **Sandra's** restaurante, na avenida Engenheiro Vieira, 555, fone 234-0324, é outro nas mesmas condições e destaca-se no preparo da lagosta. Se você quer comer a melhor peixada da cidade, no entanto, procure o **Alfredo**, praia do Mucuripe, na avenida Beira Mar, 4.616, fone 224-2711. Indo até a Barra do Ceará, não deixe de fazer uma "boquinha" no **Barra Mansa**, ao lado do Clube Regatas, fone 228-3677, que serve pratos regionais, da lagosta à carne-de-sol.



Xuxa: "Não saio sem um segurança".

CINEMA

A Marilyn nacional

Xuxa Meneghel inicia carreira no cinema e no lançamento do primeiro filme diz que a fama não lhe amola em nada

A cena poderia ter acontecido nos anos 50, quando as *superstars* do universo hollywoodiano agitavam qualquer saguão de hotel cinco estrelas nos Estados Unidos. Mas tudo aconteceu em São Paulo mesmo, num dos salões de festas do Hilton.

Com um atraso de mais de uma hora — tempo suficiente para assanhar ainda mais os políticos, executivos, alguns veteranos do cinema, como Walter Forster e Dionísio Azevedo, e muitos bicões —, a insinuante Xuxa Meneghel, a versão tropical de Lolita, foi recebida

com uma chuva de *flashes* disparados por um batalhão de fotógrafos, que, depois de meia hora do início da festa de lançamento do seu primeiro filme *Amor, Estranho Amor*, também pediam para ser fotografados pelos seus colegas.

Xuxa é comparada a Marilyn Monroe pelo diretor do filme, Walter Hugo Khouri, o mesmo que considera Vera Fischer nossa Ingrid Bergman... Exageros à parte, a noite de lançamento teve cenas tão incríveis que bem poderiam figurar no filme "Discreto charme da Burguesia II", caso Buñuel venha a repetir a dose. Para conceder uma entrevista exclusiva a ATO Xuxa precisou de uma overdose de paciência.

Entre uma pergunta e outra, a fala era fatalmente interrompida ou por um garçom ávido em ajudá-la a manter sua forma bem redondinha e trocar com ela pelo menos uma palavra, ou por um político ameaçando em tom de brincadeira usar a foto para a sua campanha. Sem falar nos senhores presos em seus coletes e gravatas que ao primeiro descuido das mulheres corriam de guardanapo na mão em busca de um autógrafo especial. Houve mesmo quem insistisse em pedir o telefone particular.

TRANSTORNOS DA FAMA— E isso tudo não lhe incomoda? "Claro que não. Eu amo esse tipo de vida. Gosto de conversar com as pessoas, tanto é que entre todas as minhas atividades, manequim de moda e fotográfico, atriz de televisão, publicidade e de cinema, eu prefiro a passarela, porque me coloca cara-a-cara com o público. Isso não quer dizer que não goste das outras. O cinema, por exemplo, sempre me fascinou. Trabalhar com um elenco desse porte, com Tarcísio Meira, Vera Fischer, Walter Forster, enfim, com profissionais respeitados e tarimbados, a princípio me intimidou, mas depois logo percebi que todos estavam a fim de me dar uma força, daí relaxei e aprendi muito. Todos são muito inteligentes e cultos e lucrei muito."

Neste filme Xuxa aparece várias vezes nua e com isso imprime com nitidez maior sua imagem de mulher liberada. Ganha, também mais transtornos. "Você vê, muita gente chega aqui só para me olhar de perto, admirar minhas formas, para depois começar a me amolar lá em casa. Sempre tenho de andar com segurança, para não me rasgarem a roupa, passarem a mão em mim, ou até mesmo amassarem o meu carro ou o de meu acompanhante. Pior que isso são as pessoas que me cumprimentam e deixam dinheiro em minha mão." Neste momento da entrevista, um jornalista muito magro e mal vestido aproximou-se e a abraça, mostrando um exemplar de seu jornal com Xuxa na primeira página. Após apresentá-la com um exemplar, quase de rosto colado ao de Xuxa, dá ordens ao fotógrafo para registrar a cena que promete sair na primeira página da próxima edição.

O rosto ainda não perdeu o ar de menina travessa que não nega sorriso a ninguém. A ninguém mesmo! Nem à mulher do político

Fotos João Pires

que insistia em dizer ao marido que a estrela tinha cara de quem não rejeita cama. Bem-humorado, ele retrucou: "Tem certeza mesmo"? Aos 19 anos, Xuxa, cujo nome foi dado por um de seus irmãos logo que nasceu, diz que não se considera um símbolo sexual, embora a publicidade faça questão de vincular sua imagem à de "mulher boa". "Tudo isso é uma bobagem, porque eu já desenvolvia um trabalho sério na fotografia e na passarela quando, por causa de algumas fotos que fiz nua, me rotularam. Agora mesmo estou filmando *Fusão Preto*, uma comédia satírica sobre um carro que se apaixona por mim. É um filme para crianças e está muito gostoso de fazer."

Xuxa logo se apega às pessoas de quem gosta. Depois de terminada sua participação em *Amor, Estranho Amor*, ela morria de saudades do elenco e entre um desfile e outro falava com Vera Fischer e Tarcísio Meira por telefone, o que ocorre também com Pelé, "de quem sou grande amiga".

ORGIA POLÍTICA - *Amor, Estranho Amor* é o vigésimo filme de Khouri e marca o encontro inédito entre ele e o produtor Aníbal Massaíni, ao mesmo tempo em que concretiza um antigo desejo de Khouri de filmar com Vera Fischer, que completa seu 11.º filme, e lança Xuxa Meneghel no cinema. Khouri lembra que lhe reservou o papel depois de ser consagrada como a modelo mais fotografada do Brasil. "Ela tem surpreendente noção de tempo e espontaneidade invulgar para uma principiante", o que já lhe valeu convite para o próximo filme do cineasta. "E aceitei" - antecipa ela.

Amor, Estranho Amor foi rodado em sua quase totalidade num suntuoso palacete dos anos 30, tombado pelo patrimônio histórico, no bairro do Ipiranga. Foi ali que Khouri e a



sua cenógrafa, Cecília Vicente de Azevedo, reconstruíram o ambiente da década. O filme conta a história de "Hugo", um adolescente de 13 anos que vivia na São Paulo de 1937, trazido de Santa Catarina por sua avó para encontrar sua mãe, "Anna" (Vera Fischer), que é amante de "Osmar Passos" (Tarcísio Meira), o político mais influente do Estado. Anna habita um luxuoso casarão em compa-

Por dentro da cena



Ewald: necrológico no jornal das 8

Parece que o sonho de todo mundo hoje em dia é ser famoso. É como diz aquela canção do "Menino do Rio": "Eu vou para Califórnia, vou ser artista de cinema, meu negócio é ser star". Ser artista tem uma mística tão forte agora quanto no auge dos tempos de Hollywood. Confesso que eu nunca tive muito dessas fantasias, sempre me achei tímido demais para ser ator. Mesmo em cinema.

A primeira vez que me chamaram para fazer alguma coisa foi em 1970, quando Rubem Biáfora produziu "As Gatinhas". Meu personagem era um bancário mau-caráter. O texto foi entregue na hora com a ordem de decorar, sem maiores explicações. Colocaram a câmara na cara e toquei adiante. Na hora de dublar, tinham perdido a gravação (o chamado "som-guia") e Joana Fomm teve de ajudar a decifrar o que eu dizia através dos movimentos labiais. Será que isso é que era fazer cinema?

Não achei muito. Ao me ver na tela, francamente não gostei. Estava careteiro, canastrão. Mesmo assim, houve outras experiências - um capanga do interior para Ozualdo Candéias em "A Herança", um nobre da Corte de D. Pedro I em "Independência ou Morte" (apenas uma figuração, onde me aproveitaram quando estava fazendo reportagem sobre as filmagens), um locutor de televisão para "A Árvore dos Sexos" (do qual tinha feito também o roteiro) e o ponto máximo de minha carreira até então: aparecer de cueca, com máscara de gases no rosto, como um homem que está sendo devorado pela polui-

ção de uma grande quantidade de jovens, todas elas comandadas por "Laura" (Iris Bruzzi) e a serviço das manobras políticas de Osmar, que utiliza a casa para festas e orgias, a fim de impressionar e agradar possíveis aliados políticos.

Depois de longa ausência, o menino estreita os laços de afeto com a mãe. Hugo é fascinado por Anna e sua perturbação é acentuada pelo local, onde as circunstâncias fazem com que ele esteja sempre rodeado de jovens que chegam mesmo a desejá-lo. Entre elas a que mais se interessa por ele é "Tamara" (Xuxa), recém-chegada e importada do Sul do País

especialmente para ser dada de presente ao

especialmente para ser dada de presente ao poderoso político "Benício Matos" (Mauro Mendonça).

ção em "A Casa das Tentações", de Biáfora. Mas nenhuma dessas experiências chegou a modificar minha conclusão. Se havia algum potencial como ator, ele estava bem escondido através de minha estrutura de crítico. Até que Walter Hugo Khouri me chamou para fazer "Amor, Estranho Amor". Na verdade, ele já me tinha chamado para trabalhar num filme chamado "A Viúva", com Alexandra Stewart (por volta de 74), que nunca chegou a ser realizado. Mas desta vez tudo saiu certo. Experimentei o *smoking* da casa teatral e apresentei-me na antiga mansão dos Jafet, no Ipiranga, onde aconteceram as filmagens. Só que, ao contrário das outras experiências, não foi ação entre amigos, até recebi por dia - de filmagem -, como qualquer outro ator.

Meu papel não era assim tão importante, tenho mesmo a desconfiança de que ele só aumentou porque Tarcísio Meira chegou tarde por causa do teatro e eu funcionei como seu substituto (meu personagem é na linha Iago, figurante de "Otelo", um confidente -traidor de Tarcísio, que faz um político paulista inspirado em Adhemar de Barros). O Khouri tem o costume de improvisar as cenas, escrever os diálogos na hora, permitindo ao ator maior margem de ação.

Duas coisas foram muito importantes no *set* de filmagem: o clima de brincadeira da equipe e dos atores. Houve até festa com o Traditional Jazz Band andando por cima da mesa de jantar. Tudo improvisado, descontraído, muito simpático. Depois, mesmo durante a rotação, já era possível ver que se estava fazendo um filme bonito. Havia determinadas cenas onde era evidente o cuidado da fotografia de Antônio Meliande. Já disse que um plano de fim-de-festa que Khouri fez comigo andando pelo corredor é uma das coisas mais bonitas de sua carreira (e, para mim, a imagem perfeita, se um dia a Globo tiver de fazer meu necrológico no Jornal das Oito). Mas, para o público, *Amor, Estranho Amor* é o filme de Xuxa e Vera Fischer. Não sei se Xuxa será capaz de fazer carreira como atriz. Ela é espontânea, esperta (senão, como explicar que já é estrela aos 19 anos?), mas por enquanto apenas uma promessa. Ainda tem muito o que aprender com Vera, além de uma mulher lindíssima, uma atriz que não cansa de nos surpreender. É muito curioso que no filme da Xuxa seja a Vera quem rouba o espetáculo.

Rubens Ewald Filho, de São Paulo.

Leonora Amarante, de São Paulo

Leonora Amarante, de São Paulo

Artes & Espetáculos

LIVROS

Luiz Fernando Emediato

Livros no Natal

No final do ano, lançamentos das editoras para o Natal

O livro é um presente simpático e barato. Presentear com livros pode ser também uma forma de demonstrar respeito para com quem se presenteia: os idiotas e os imbecis não lêem. Por isso, todo fim de ano as editoras invadem o mercado com toneladas de livros. A maioria, infelizmente, não presta: são pretensos livros de arte, para



quem acha que o presente – ainda que seja um livro – deve ser luxuoso. Muitos idiotas pre-

senteiam outros idiotas com esse tipo de livro. Um bom livro está custando entre mil e dois mil cruzeiros. Ninguém deve ter vergonha de dar ao parente ou ao amigo um presente assim tão simples. E há, entre os lançamentos recentes, livros que podem ser presenteados sem nenhum constrangimento. A Editora Atica, por exemplo, acaba de lançar dois livros controvertidos: "Quando fui morto em Cuba", de Roberto Drummond, e "O Concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro", de Sérgio Sant'Anna. Os dois são de contos e devem ser presenteados a leitores de gosto mais apurado, que busquem na literatura algo mais além do puro prazer. São livros complexos – mas nem por isso de leitura difícil.

Da Editora Nova Fronteira, temos um excelente William Faulkner: "Absalão, Absalão", com a história da degeneração moral e física das famílias do Sul dos Estados Unidos, o fatalismo derrotista de seus remanescentes, o racismo, a luta pela posse da terra, tudo isso ao lado de temas como o incesto. Um presente refinadíssimo, ao custo quase simbólico de mil e duzentos cruzeiros. Para os corações sensíveis, os abnegados, os interessados no bom samaritanismo, as Edições Paulinas têm um belo depoimento da inglesa Sally Trench, "Enterrem-me de Botas". É o relato – verídico – das experiências da autora no seu trabalho caridoso de ajuda a mendigos, ladrões e toxicômanos londrinos. No final, uma amarga e humana conclusão: de pouco adianta fazer caridade desse tipo, ainda que devam existir na sociedade quem cure feridas e quem enterre os mortos: mais importante que isso é trabalhar para que menos pessoas adoçam e nenhuma morra precocemente. O livro de Sally Trench não é piegas, nada que ponha a religião, por exemplo, em primeiro plano. É um livro a respeito da solidariedade humana.

Um excelente presente de fim de ano: qualquer livro de Carl Sagan. Todos são publicados pela Editora Francisco Alves e, com exceção do espetacular "Cosmos" (Cr\$ 8.200,00), custam entre mil e quinhentos e dois mil cruzeiros: "Os Dragões do Éden" e "O Romance da Ciência", desvendando, em linguagem poética, acessível e cheia de humanismo, os fantásticos mistérios da ciência, do espaço e da origem da vida no universo.

Uma nova editora surge no Brasil: EMW Editores. O primeiro lançamento, "Geração Abandonada", com a série de reportagens publicada originalmente em *O Estado de S. Paulo*, já é um best-seller: três edições vendidas em apenas dois meses, com o relato das experiências do autor (este crítico) no meio de grupos de jovens brasileiros, drogados ou não. Um livro que está sendo lido por pais e filhos, juntos, mesmo quando não se entendem. O preço é apenas 800 cruzeiros. Na mesma editora, um livro para quem quer saber o que esteve por trás da Guerra das Malvinas, entre Argentina e Inglaterra: "Guerra Santa nas Malvinas", dos jornalistas Marcos Wilson, Hugo Martínez, Roberto Godoy e Antônio Cabral. Para os que querem estar sempre bem informados, é leitura fundamental.

TEATRO

Carlos Ernesto de Godoy

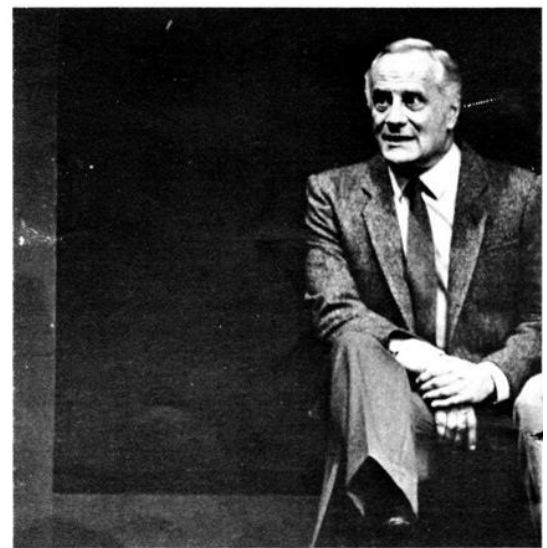
Os 3 campeões

No palco, os três maiores atores brasileiros



Cortez: um "Salieri" antológico para a obra de Shaffer

A temporada teatral paulista em 1982 começou mediocrementemente com montagens tímidas e reencenações que prometiam um ano sem brilho, marcado pelo fantasma da Copa do Mundo. No segundo semestre, entretanto, os palcos começaram a dar sinais de vida e, de repente, várias produções de bom nível começaram a acontecer. De um modo geral, porém, trabalhos estrangeiros traduzidos e bem montados, com valores nacionais vencendo na direção e na atuação. Destas montagens, algumas conseguiram destaque pelo que significaram como realização cênica. *Agnes de Deus*, primeiramente, partindo de um texto apenas hábil e muito feliz na elaboração das personagens, conseguiu reunir um monstro sagrado (Cleyde Yáconis) e duas atrizes ainda sem fama (Walderez de Barros e Clarice Abujamra) num trio afinadíssimo de interpretação, que fez elevar a cotação de Jorge Takla como diretor.



Em Traições, de Pinter, o talento de um Aufran re-

GRÁFICA **Santana**

IMPRESSOS EM GERAL

OFF-SET

TAMBÉM A CORES

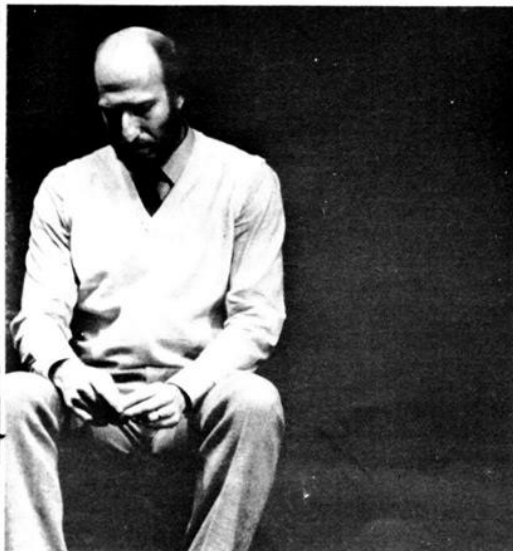
IRMÃOS TOLEDO & CIA. LTDA.

Rua Dr. Paulo Frontin, 395 - Fones: 469.9066 e 469.9091 -
MÓGI DAS CRUZES - SP

A Morte Acidental de Um Anarquista trouxe para São Paulo mais um texto do italiano Dario Fò, muito bom como denúncia dos desmandos praticados pelo poder constituído em todo o mundo. A produção é cuidada, a direção de Ajudama convence e o elenco corresponde às necessidades da montagem. Além disso, três encenações excelentes marcaram a temporada paulista de 82: **Traições**, de Harold Pinter, sob a direção de José Possi Neto, estreada em São Paulo; **Amadeus** de Peter Shaffer, em versão de Flávio Rangel, que cumpriu boa temporada no Rio; e, finalmente, **O beijo da mulher aranha**, adaptação do romance de Puig, feita pelo próprio autor, dirigida por Ivan de Albuquerque também vinda do Rio.

A peça de Pinter é um jogo sutil de intenções que a direção soube colocar em produção requintada e sutilíssima, em que as personagens, vestidas por Clodovil, exercitam seus problemas entre cenários de Maria Bonomi. O grande mérito da montagem é o alto nível da interpretação, com bons momentos de Paulo Autran, que marca sua presença com grande forma e um sempre renovado talento. A obra de Shaffer tem o interesse de reviver um mito — o do assassinato de Mozart por Salieri — num texto discutível, mas que enseja um soberbo espetáculo e sobretudo algumas interpretações antológicas (no caso a do rei, vivido por Ruy Affonso, e a de Salieri, composta por Raul Cortez). O trabalho de Puig tem o mérito de conseguir superar a obra original e colocar no palco duas personagens inesquecíveis, em especial pelo trabalho dos atores Rubens Corrêa e José de Abreu, dirigidos à perfeição por Ivan de Albuquerque.

O que, entretanto, dá um caráter inédito à temporada paulista de 1982 é a oportunidade rara que ela teve de reunir, de uma só vez, os três maiores atores brasileiros de nossos dias, campeões, cujos nomes poderiam constar em qualquer elenco de nível internacional: Paulo Autran, Raul Cortez e Rubens Corrêa.



novado

Público dividido

Em 82, "O Bem Amado" esteve em alta, como "Canal Livre"



Gracindo: mantendo a audiência

Chispas elétricas percorreram 1982: clarões no escuro da monotonia, da mesmice melancólica foram suficientes para que alguns momentos brilhantes iluminassem um céu escuro, de muitas nuvens. A espera é desagradável quando se aguarda um dia de sol e já não se contenta mais com o brilho rápido de alguns relâmpagos e as cintilâncias das estrelas. Num ano em que a TV-S espalhou a sua sombra de obscurantismo sobre todas as outras redes de televisão, em que Flávio Cavalcanti voltou de dedo em riste e que

uma emissora educativa serviu de tapete para um governador pisar, mais do que nunca se ansiou pela luz da manhã.

Mas, nesta noite escura, com a pouca luz disponível, pôde-se perceber alguns caminhos que a televisão brasileira vai ter de cruzar. O principal deles: a divisão da audiência. Quebrou-se, como foi previsto, o monopólio da audiência da Rede Globo. Quase que imediatamente após a inauguração do Sistema Brasileiro de Televisão, uma fatia do seu mercado deslocou-se para a canalhice dos programas de auditório da TV-S, os risos forçados de "Reapertura" e "Bozo" e todo o trivial variado oferecido por Sílvio Santos.

A Globo, sem se convencer de que a audiência está definitivamente partida, procurou — e procura ainda — recuperar o que foi perdido com iscas como "Balança, mas não cai" ou mesmo com a queda de qualidade da maioria de sua programação. Agindo assim, a Globo corre o risco de perder o que ainda tem para um número cada vez maior de televisores desligados. Cultura e Bandeirantes disputam o resto da audiência, enquanto uma parcela fiel de telespectadores opta pelo Sistema "Sílvio Luiz" Brasileiro de Televisão.

A verdade que todas as redes deverão aprender é: ou se luta por uma parcela de audiência, ou se perderá o pouco que pôde ser conseguido. Quanto aos clarões que iluminaram essa noite, tivemos a continuidade de duas luzes constantes: "O Bem Amado" e "Canal Livre". Tanto uma como a outra série de programas serviram como aulas amplamente pedagógicas de conscientização política, conseguindo driblar com eficiência as sobras da Lei Falcão ou mesmo da censura, oficial ou interna, das emissoras. O mesmo aconteceu com os fugazes debates políticos pré-eleitorais, com destaque para o primeiro passo dado pelo repórter Ferreira Netto.

Dois rasgos meteóricos, e marcantes, como as minisséries "Lampião e Maria Bonita" e "Quem ama não mata" (e possivelmente "Bandidos da Falange", caso fosse liberada), merecem também ser registrados. Mas o resto da programação não conseguiu transpor a espessura dessa noite e a ela ficou restrito. Em 1983, esperamos ansiosamente o amanhecer. Que ele seja claro, límpido e ousado, como sempre desejamos!

Esso AUTO POSTO PONTO DE ENCONTRO

Sinta as diferenças entre um posto de gasolina e o **Ponto de Encontro**.

B. Cabo Diego Oliver 58 - Aberto das 6:00 h. às 20:00 h.

Artes & Espetáculos

DISCOS

Sérgio Vaz

Apoio ao sucesso

Bookends, um atraso de se lamentar. É bom demais.

A indústria fonográfica brasileira é capaz de lançar hoje discos que acabaram de chegar às lojas de Nova York ou Londres. Muitos modismos passageiros, muitas obras sem nenhum valor ou significado tocam nas nossas FM's apenas alguns dias depois de chegarem às rádios americanas. No entanto, quando se trata de música de qualidade, nossa indústria de discos costuma andar paquidermicamente devagar. Mesmo quando é música de qualidade que faz sucesso.

É o caso, para dar só um exemplo, de Bob Dylan. Seu primeiro LP foi lançado nos Estados Unidos em 1962; só em 1967, no entanto, depois que ele já se havia transformado em Bíblia de boa parte da juventude de todo o mundo, foi lançado um disco seu no Brasil – e já era o 6.º LP de sua carreira. Diversos de seus discos continuam inéditos aqui até hoje.

Mas provavelmente nenhum caso de incompetência das nossas gravadoras é tão absurdo quanto o de Simon & Garfunkel. Entre 1964, ano de seu primeiro LP, e 1970, ano em que se separaram, Simon e Garfunkel lançaram cinco discos, com sucesso sempre crescente. Basta dizer que o que vendeu menos (o primeiro, *Wednesday Morning, 3 AM*) vendeu um milhão de cópias. O quinto e último, *Bridge over Troubled Water*, é um dos LPs que mais venderam em toda a história da indústria fonográfica (oito milhões de cópias nos Estados Unidos e na Inglaterra, até 1977, segundo *The Illustrated Encyclopedia of Rock*, de Nick Logan e Bob Woffinden).

No Brasil, entretanto, tudo o que havia disponível de Simon & Garfunkel a preços aceitáveis (os LPs importados podem custar até oito mil cruzeiros) eram picadinhos, colchas de retalhos, compilações de faixas de seus LPs originais. Mesmo o LP *Bridge over Troubled Water*, lançado aqui em 1970, não é igual ao original.

Foi somente em outubro do ano passado – 15 anos depois de sua gravação e 11 anos depois de desfeito o conjunto – que se lançou no Brasil, pela primeira vez, um LP integral da dupla, **Sounds of Silence**, de 1966. Mesmo assim porque, um mês antes, em setembro de 1981, Paul Simon e Art Garfunkel haviam-se apresentado juntos (pela primeira vez ao vivo, desde a separação) diante de meio milhão de pessoas, no Central Park de Nova York. O reencontro fez voltar às paradas americanas e inglesas os antigos discos da dupla; livros sobre sua obra foram escritos ou reeditados; álbuns de luxo enfeitando todos os seus LPs foram editados; o disco duplo gravado ao vivo no Central Park ficou entre os dez mais vendidos nos Estados Unidos e na Inglaterra; o vídeo-teipe gravado na ocasião foi exibido com sucesso pela tevê – inclusive no Brasil.

Só assim, então, a CBS resolveu colocar há poucos dias no mercado brasileiro o maravilhoso **Bookends** lançado nos Estados Unidos em 1968. É o quarto LP da dupla e foi o responsável, em boa parte, pelo estouro comercial do conjunto em todo o mundo. Uma de suas músicas, *Mrs. Robinson* escrita por Simon para o filme *A primeira noite de um homem*, de Mike Nichols, foi um tremendo su-

cesso. Mas não é o sucesso que importa. Impressionante é a qualidade do disco – que ninguém que puder dispor de 1.700 cruzeiros deve perder. Mesmo quem já conhecer algumas de suas músicas através dos picadinhos lançados anteriormente no Brasil.

É um disco basicamente "conceitual", como notou as críticas americana e inglesa. Todo o lado A, em especial, foi concebido com um conjunto indivisível e coeso – um retrato, um instantâneo de alguns dos aspectos mais tristes do *american way of life*. "Era uma coleção sombria de canções que tratam da isolamento e da depressão; mas, apesar de os temas serem desoladores, foram tratados com um gosto musical impecável e receberam interpretações sensíveis e belíssimas", disse Jeremy Pascall, em sua *History of Rock Music*. Distância entre as gerações, solidão dos jovens, desapontamento, infelicidade conjugal (e incapacidade de romper o casamento transformado em hábito), a impotência diante do passar do tempo, o terrível isolamento dos velhos em uma sociedade que privilegia a juventude – esses temas são abordados de uma forma vigorosa, em belíssimos versos, em melodias trabalhadíssimas, com uma produção extremamente cuidada, mas sempre justa e enxuta. E realçados, sobretudo, pela inigualável harmonia das maravilhosas vozes de Paul Simon e Art Garfunkel.

São impressionantes os cuidados que cercaram a elaboração do LP – que não é um amontoado de canções reunidas aleatoriamente, mas um conjunto homogêneo, "conceitual". A começar do título: *Bookends* significa apoiadores de livros – aquela peça que se coloca numa e noutra extremidade de uma fileira de livros para que eles não caiam. Essa imagem aparece em uma metáfora impressionante na música *Old friends* – um trágico retrato da solidão dos velhos: "Velhos amigos, sentados nas cadeiras do parque como apoiadores de livros". Um tema instrumental chamado exatamente *Bookends* cerca o lado A do disco, apoiando o começo da primeira faixa e o final da última – como apoiadores de livro, como dois velhos que encostam os ombros nas cadeiras de um parque.

Mas o principal, é claro, é a qualidade excepcional das canções. Elas têm 14 anos de idade – e 14 anos representam muita coisa, numa linguagem eternamente em ebulição, como a da música popular. No entanto, elas não aparentam nenhum pálido sinal de envelhecimento. Apenas uma prova disso é o fato de que quatro delas ("America", "Old friends", "Bookends Theme" e "Mrs. Robinson") foram apresentadas no concerto do Central Park – e foram aplaudidíssimas. Poderiam estar sendo lançadas hoje, exatamente com a mesma letra, a mesma vocalização, o mesmo acompanhamento, e seriam maravilhosas e maravilhosamente atuais, imunes ao passar dos modismos que durante estes anos todos apareceram nas lojas de discos e nas estações de FM e foram-se embora sem deixar nenhuma saudade. *Bookends* chega ao Brasil com atraso. Mas está em tempo. ●



ESQUEÇA TODAS AS BOUTIQUES QUE VOCÊ JÁ ENTROU EM SUA VIDA.

LANÇAGE foge dos padrões que você já conhece. A começar pelo atendimento descontraído, num ambiente totalmente personalizado. E ainda, com exclusividade, etiquetas e acessórios em até cinco pagamentos sem nenhum acréscimo. Venha tomar um cafezinho com a gente.

LANÇAGE
Resilium.



A vida, por Clodovil



Clodovil diz que a alta costura é deficitária e sente não ser tão reconhecido por sua especialidade, a moda, mas pelas performances que o consagraram na televisão

Clodovil Hernandez, a televisão já mostrou, é uma pessoa de fala fluente, raciocínio rápido e um dos mais bem-sucedidos costureiros brasileiros de todos os tempos, apesar de, hoje, ser muito mais conhecido por suas atuações no “TV Mulher”, da *Globo*, do que por aquilo que realmente representa a sua maior satisfação – a moda. Clodovil, 46 anos, que

acaba de cumprir mais uma etapa de sua vida encenando peça teatral, diz que o seu sonho é exatamente “a própria vida”. Não se iluda quem esperar ver neste figurante, na verdade uma estrela de primeira grandeza em todos os ambientes que frequenta, uma pessoa abordável pela vaidade ou pela emoção. “No meu caso, se uma mulher se envolve comigo, é por

interesse; e, se um homem se envolve-se, seria muito mais por interesse”, define, para acrescentar outra de suas constatações. “O amor para mim é uma esperança, nada definitivo”, pois esse costureiro famoso, que na televisão já foi um misto de consultor sentimental e de modista, falou a ATO numa longa entrevista à repórter *Efigênia Menna Barreto*. ➤

Sonoterapia é melhor que qualquer análise

ATO – O que mudou na sua vida depois do sucesso de TV Mulher?

CLODOVIL – Na realidade, o que mudou na minha vida depois da televisão, não é? Eucos-tumo agradecer a Deus a possibilidade de poder viver, de poder ter boa saúde, de poder comer, de ter a pele boa. Sem pieguice, sem nada, eu agradeço mesmo a Deus. O que me deixa triste nisso tudo é que tenha sido capa de revista, seja assunto como atração de televisão e não com aquilo que eu faço de melhor, que é moda. Por outro lado, eu compreendo perfeitamente que o Brasil não pode entender uma profissão que ele não tem cultura para assimilar, nem economia. Nós somos um país que tem problema de fome. Então, não dá para entender uma profissão que é considerada uma futilidade, sem ser, entendeu? Tem de entregar tudo para Deus e agradecer a oportunidade de pelo menos ter virado alguma coisa, mesmo que seja através de televisão.

ATO – Isso de as pessoas se voltarem muito para a sua figura não se deve, justamente, à sua personalidade forte, marcante?

CLODOVIL – Eu até acredito que sim, né? E mais uma vez digo a você que tenho de agradecer a Deus a possibilidade de poder expressar-me bem, de poder dialogar, falar e ser entendido. Falar todo mundo fala, agora ser entendido é que é o mais difícil. Então, essa chance de ter várias facetas na minha vida... é bom e por isso eu tento fazer outras coisas.

ATO – Uma dessas “outras coisas” foi o teatro. Fale de sua peça “Seda Pura e Alfinetadas”.

CLODOVIL – Na realidade não existe nada de especial – um Shakespeare, Tennessee Williams, nenhum grande papel. Fiz um costureiro como as pessoas talvez imaginam que ele seja, não é? E acho que a coisa melhor desse trabalho foi a possibilidade de ter contato direto com as pessoas. Mas aquele contato direto e com certa distância, porque eu não gosto de promiscuidade. Eu sou a favor da intimidade, mas não da promiscuidade. E num relacionamento com as pessoas que você transa a vida inteira, as coisas acabam ficando promiscuas. No palco não. Você pode falar



com intimidade, talvez sem intimismo porque é um teatro para 600 pessoas, mas sem promiscuidade, o que acho muito importante.

ATO – Você já fez psicanálise?

CLODOVIL – Não, mas não tenho nada contra, embora ache que um tratamento na base de sonoterapia e coisas do gênero resolve muito mais do que essas conversas demoradas entre psicólogo e cliente, que acabam criando dependência.

Não sei quanto ganho mas a vida está difícil

ATO – Falando diretamente de sua especialidade, o que se pode dizer da moda, de suas tendências?

CLODOVIL – Esta deveria ter sido a primeira pergunta de nossa entrevista (risos).

ATO – Não dá para separar o costureiro da personalidade Clodovil...?

CLODOVIL – Eu sei, eu sei. E não pense que eu me incomodo com isso não. É até bom ressaltar minhas outras *nuanças*, esse lado...?

ATO – Humano?

CLODOVIL – É, o lado humano e tudo mais. Mas a grande característica da moda continuará sendo a liberdade de se usar tudo que quiser. Da mesma forma que você pode usar uma saia abaixo do joelho pode usar uma minissaia, o *training*, uma calça comprida chiquérrima. Pode usar o que você quiser, porque existe essa liberdade. Agora, você deve ter o bom senso de saber o que realmente você deve usar, onde, como e quando, porque hoje em dia, mais do que nunca, qualquer coisa que você faça em termos de moda tem de ter certo humor, sabe?

ATO – Como?

CLODOVIL – Nada pode ser usado como antigamente. O neoclássico, por exemplo, que é mais ou menos isso que eu estou usando, você veste, mas depende de como encara a coisa. O meu toque de humor é esse monograma, está vendo? Não é uma coisa muito masculina, para uma pessoa séria e até efeminada. Na minha cabeça não é. Então, esse é o toque... (para, fica mais sério) ou até séria, (efeminado)... Você tem de se obrigar a ser efeminado, inclusive na forma de vestir. Essas coisas de estimular tragédia, desgraça, a guerra, Khomeine, O Walessa e mais não sei quem, e essas encrenças todas, e a fome, e a peste, e a praga, e tudo, todos os dias, é um inferno.

ATO – A Humanidade se complica...?

CLODOVIL – A Humanidade está caminhando por uma vereda meio complicada, ou seja, de tragédias, que na realidade existiram sempre e sempre vão existir. Isso é uma coisa quase ecológica. Ao passo que você tendo bom humor para viver, para se enfeitar, para se arrumar, ou até para comer numa lata, se você não tem um prato, acaba dando a volta por cima.



ATO – Você falou em dinheiro, isto não é um problema no seu caso...?

CLODOVIL – Não, é um problema sério. A manutenção dessa casa é um negócio complicado mesmo, sabe?

ATO – Quanto está faturando por mês?

CLODOVIL – Não, não dá, não sei realmente, está tudo desconectado.

ATO – E a crise econômica, ela já lhe afetou em termos de clientela?

CLODOVIL – Ah, sim. A alta costura é deficitária a vida inteira. Eu mantenho até hoje a alta costura não só por gostar, mas porque sabia que ela, publicitariamente, seria o grande esteio dos meus negócios no futuro. E a gente tem de acreditar no futuro.

ATO – Mudando um pouco, qual é o seu partido político?

CLODOVIL – Eu não tenho partido de preferência. Eu acho que política sempre é uma coisa boa, porque uma vez existindo Humanidade existirá a política... (Nesse instante toca o alarma de seu carro. Um Passat Dacon prateado, com teto solar. Mas Clodovil não se assusta porque sabe que é um de seus empregados que está manobrando o veículo.) Bem, estava dizendo que o que estraga a política são os políticos, não é? Então, a gente chega à conclusão – triste – de que o mundo seria uma maravilha se não existisse gente.

Acredito em momentos felizes, numa aventura

ATO – Essa não é uma visão pessimista?

CLODOVIL – Não, verdadeira. A própria música de Baby Consuelo diz que os índios não maltratam a fêmea, não poluem os rios e o mar, e mantêm a Ecologia, não é? O ser humano moderno faz exatamente o oposto. E aí não sabem por que ficam babando... e ainda se dizem civilizados.

ATO – E o amor, como é para você?

CLODOVIL – (Demora, pensa mais antes de responder.) Na realidade, para responder assim secamente, o amor para mim é uma esperança. Só. Nada definitivo. Nunca foi, e eu tenho a impressão de que nunca será.

ATO – Você está feliz no amor?

CLODOVIL – Não. Em princípio eu não acredito em felicidade para ninguém, acredito em momentos felizes. E isso você pode con-

seguir numa aventura, num relacionamento físico. O relacionamento emocional você pode suprir com um amigo de quem goste muito, com uma boa música... Claro que essa é uma visão até meio pessimista da coisa, mas é uma solução que para mim resolve. Eu, por exemplo, não troco um amigo por uma aventura, e se tenho necessidade de ter uma aventura faço isso rapidamente, porque é físico. O envolvimento emocional me satisfaz muito mais com um amigo do que com uma pessoa... É muito difícil, né? Por exemplo, a gente fala de mulheres, elas lutam por igualdade, existem os movimentos feministas e tudo o mais. Mas na realidade elas não querem esse movimento, nem essa igualdade, porque é cômoda a dependência, essa valorização do órgão sexual como se fosse uma "Caixa Econômica". A mulher reclama da profissão de dona-de-casa e fala e fala... na hora de transar com o marido ela faz... por interesse, não por prazer. Ela troca aquela abertura de perna por alguma coisa que ela está pretendendo. Então, ela não leva a sério a profissão dela na vida.

ATO – Mas essa visão que você estava falando de mulher não é um pouco machista?

CLODOVIL – Não, é humanista. Eu não sou macho, nem posso ser porque não tenho nenhuma característica de macho nem nada. Eu só acho o seguinte: todas as minorias só se analisam pelos lados deficientes, pelos lados menores. Elas não se analisam pelos lados grandes. Claro que eu também briguei, descobri isso sozinho, embora não tenha esse tipo de problema porque não estou envolvido com ninguém maritalmente. Eu não sou nem mulher nem homem nem coisa nenhuma. Não sou tubarão nem sereia.

ATO – Então, sendo você uma pessoa livre, não acha possível um amor total, sem chantagem nem dependência?

CLODOVIL – Não, porque no meu caso se uma mulher se envolve comigo é por interesse, interesse de... Sei lá, *ene* interesses... E se um homem se envolvesse comigo, seria muito mais por interesses que por outros motivos. Quero dizer, a relação física pode ser total, mas o envolvimento não. Envolvimento emo-

cional, de jeito nenhum.

ATO – Você nunca sentiu vontade de ter filhos?

CLODOVIL – Deus me livre, nem pensar (bate na madeira embaixo da mesa três vezes). Não, por nada, é muito fácil ter filho, eu acho. É uma gota de esperma e pronto, né? O que eu acho muito difícil é criar esses filhos. Eu sou literalmente um homossexual, eu não posso pretender meter na cabeça de uma criança que ela entenda esse comportamento. Eu tenho amigos meus que são bissexuais, casados e tudo, e que acham uma boa, natural. Eu acho fantástico quando a cabeça permite esse tipo de coisa, eu acho uma maravilha. Mas eu sou de uma geração doente. Na minha geração era pecado isso.

ATO – E você acha que na geração de hoje o homossexualismo é mais respeitado?

CLODOVIL – Ah, a geração de hoje é uma maravilha, esse tipo de coisa não existe. As meninas vão fazer *camping* com os meninos e fazem, tudo da forma mais natural do mundo. Esse tipo de coisa livre, primitiva, isso eu acho maravilhoso desde que seja verdadeiro. E a gente sabe quando é verdadeiro... Ao mesmo tempo é tudo tão complicado porque a juventude de hoje é mais saudável, mais esportiva, mais tudo, mas nunca se fumou tanta maconha...

ATO – Estão perdendo uma grande chance na vida?

CLODOVIL – (levanta o tom da voz) Não, não estão perdendo nada não. Aqui nós estamos comentando, não estamos julgando nada porque cada um é um. Eu não era assim, eu achava que era dono da verdade e, embora ainda tenha muito dessas coisas, hoje eu sou mais condescendente.

ATO – Então, voltando para a sua área, quais são as peças básicas no guarda-roupa de uma mulher?

CLODOVIL – É impossível dizer isso porque teria de se começar do zero e seria uma meia dúzia de coisas. O que eu acho é que a pessoa deve comprar sempre em função do que já tem, em primeiro lugar, e quando o que ele já tem esta ferminando, deve repor em função do que já comprou. Você não pode sair por aí como louca; comprando a moda. Digamos assim, que vá usar suferino no inverno, um exemplo. Aí, em vez de você sair comprando coisas suferino, que não tem para combinar, é muito melhor que você tenha um cinto, ou um pente de cabelo, um fecho de bolsa, ou uma pulseira suferino, e que você misture com as coisas que você já tem.

O jeans é o grande lançamento do século

ATO – Os *jeans* vão continuar?

CLODOVIL – Claro que sim. O *jean* é o grande lançamento do século, não é? E foi inventado por um rancheiro qualquer.



ATO – As mulheres que vêm aqui procuram o quê, além de uma roupa perfeita, bonita?

CLODOVIL – Ah, elas procuram o *status* da vida delas, elas procuram... qualidade elas não procuram não, porque, como o dinheiro mudou de mão, quem tem dinheiro hoje em dia sabe muito pouco de qualidade. Mas de qualquer forma elas procuram também terapia, o que é muito importante, aquela coisa de se vestir bem por algum motivo qualquer, que inclusive estimula a psique. Se bem que eu procuro ser o mais profissional possível, não ter envolvimento nenhum, que é para não ficar aquela coisa neurótica de cliente e costureiro, né? Para não acabar virando confessorário.

ATO – Quantos vestidos de noiva você faz por ano?

CLODOVIL – Ah, não sei, mas não muito. Bem menos do que outras pessoas, porque existe o medo de vir aqui. Então, a pessoa às vezes é meio tonta e prefere pagar mais caro numa ex-funcionária minha ou num figurinista de segunda, achando que está fazendo um bom negócio. As pessoas que nunca tiveram nada e de repente ganharam dinheiro, não sabem colocar-se nos lugares, elas têm medo dos mitos. É como o milionário que mora em Santana, Tucuruvi – têm muitos milionários que moram por ali – e não passam para os Jardins – param nas cantinas da 23 de Maio.

ATO – E isso é válido?

CLODOVIL – Não, isso é uma loucura, uma besteira. O dinheiro é igual para todas as pessoas, não é? Na medida em que você tem dinheiro, porque não ir no melhor cabeleireiro, no melhor costureiro, no melhor médico? Por que não ter o melhor que o dinheiro pode proporcionar?

ATO – E os conceitos de origens, tradições?

CLODOVIL – Isso não existe mais, acabou. Mesmo porque falar sobre isso seria meio besteira, porque o País tem 500 anos e nesse tempo não se faz tradição. A nossa tradição é de degredados, escravos e índios.

ATO – Qual é o sonho da sua vida?

CLODOVIL – O sonho da minha vida é exatamente a própria vida. Desde que ela seja, dentro do possível, digna, está bom. Esse aí é o sonho da minha vida. E já é muito difícil. ●





O Guarani, campeão brasileiro que imita a...



...Ponte Preta, que também imita o Guarani

ESPORTE

A escola do futebol

Guarani e Ponte Preta são arquiinimigos de muito sucesso. O segredo de ambos é a inveja que um tem pelo outro: para cada Careca ou Renato é preciso retribuir com um Carlos e um Juninho.

O moreno forte cruzou os braços, andou alguns metros acompanhado do presidente Sérgio Abdalla e sentenciou: "A saída é essa, aproveitando gente da casa". Sérgio Abdalla ouviu desconfiado a frase, mas entendeu a situação. A pessoa com quem conversava, principiante na profissão de treinador de futebol, estava de saída. A Ponte Preta tinha perdido mais uma oportunidade de retornar para a Divisão Especial, de onde havia sido rebaixada em 1960. Nove anos depois havia tentado retornar de todas as formas possíveis e, com isso, gastou muito dinheiro na compra de grandes jogadores, mas sem nenhum resultado prático. Faltava tentar subir com seus próprios jogadores. Essa era a saída.

O moreno forte — Otacílio Pires de Camargo, "Cilinho" para os amigos de roda de samba e de futebol de várzea — já não tinha condições de dirigir o time. A torcida, insatisfeita pela nova chance perdida, exigia providências. Mas, sem dinheiro e endividada, a Ponte Preta não se iludia. O presidente Abdalla não tinha outro recurso: tirou o gordo "Zé Duarte" dos times juvenis, colocou-o como treinador do time principal. Ele, porém, fez uma exigência — queria levar consigo todo o elenco juvenil. Sem alternativa, a diretoria aceitou, e Duarte transformou em profissionais alguns jogadores, como Dicá, Samuel,

Nelson, Araújo e Manfrini. Um ano depois a Ponte retornava à Especial.

Era uma tentativa que Zé Duarte fazia baseado nos planos que já havia elaborado com Jaime Silva, no início dos anos 60, no arquiinimigo da Ponte, o Guarani. Silva fundou a escolinha do Guarani e a entregou a Duarte, um técnico de várzea, para revelar jogadores. Ficou cinco anos e depois foi para a Ponte fazer o mesmo trabalho e, curiosamente, retornar com o time à Especial.

Campinas estava descobrindo a verdadeira opção para fugir do já inflacionado futebol brasileiro. Seus dois times revelariam seus próprios jogadores. Assim, quando a Ponte voltou à Divisão Especial e um ano depois se transformava no quinto clube paulista a disputar o recém-criado campeonato nacional, não havia motivo para nenhuma surpresa, pois a equipe possuía Valdir Peres, Chicão, Samuel e transformava-se rapidamente num time tão poderoso como os principais do futebol paulista.

POLÍCIA NO VESTIÁRIO — Invejoso, o Guarani sentiu que deveria seguir o mesmo caminho e em 1973 foi buscar novamente Zé Duarte para corrigir os erros cometidos de 70 a 73, quando o Guarani gastou dinheiro, contratou jogadores famosos em fim de carreira, mas nada conseguiu. Deu certo. Foram revelados Flamarion, Amaral, Washington,

Clayton — e, neste mesmo ano, surgia convite da Confederação Brasileira de Desportos para disputar o Campeonato Nacional. Foi uma festa em Campinas.

De lá até aqui, o futebol campineiro não parou de crescer: a escolinha da Ponte Preta continuou revelando gente como Oscar, Polozzi, Juninho; e a do Guarani, craques como Renato e Careca, todos em nível de seleção brasileira. Hoje, quando falam dessas histórias, Duarte e Cilinho enchem-se de orgulho. São velhos amigos de comportamentos diferentes. Enquanto Zé Duarte sempre procurou o diálogo mais afetivo com os jogadores jovens, Cilinho buscava despertar neles a responsabilidade.

Cilinho, certa vez, de volta à Ponte Preta, passou uma noite inteira escrevendo frases de otimismo nas paredes dos vestiários e concentração da Ponte. Na semana seguinte, convidava um psicólogo para palestras e levava um policial para alertar os mais jovens sobre os perigos do tóxico. Duarte trilhava outro caminho: carregava os mais tímidos para casa, onde sua esposa cuidava de um jantar ou de um lanche simples — era a forma de evitar que os alunos da escolinha sentissem a falta do pai e da mãe.

"FICA COMA 9" — O modo de trabalho dos dois técnicos criou também uma escola e aumentou a solidez do futebol feito de talen-

tos nascidos nos dois clubes. Por isso, o meia-direita Renato não voltou como queria para sua casa, em Morungaba: esperto, o treinador Adailton Ladeira percebeu o perigo e levou Renato para sua casa, onde pôde comer "a macarronada que a mãe fazia", conta orgulhoso Ladeira. "O Renato era tímido e sentia a falta dos pais e dos irmãos. Tinha saído de uma cidadezinha para jogar nos juvenis do Guarani. Quando fez amigos, transformou-se no craque que é hoje", recorda.

Histórias como essa de Renato contam-se às dezenas em Campinas. Hoje, porém, a situação é curiosamente estranha. O nível dos dois times cresceu tanto que as exigências para o jogador sair do juvenil e entrar no elenco profissional se tornaram muito mais rigorosas. No Guarani, por exemplo, o quarto-zagueiro Júlio César treinou dois anos entre os reservas para ter a chance de ser titular, enquanto, na Ponte, Sílvio, médio-volante, só agora, depois de um ano, consegue permanecer treinando entre os profissionais.

A explicação para isso não é difícil. Com o crescimento dos times campineiros – a Ponte Preta tem os vice-campeonatos paulistas de 77 e 79 e o Guarani, os títulos da Taça de Ouro de 78 e da Taça de Prata de 81 –, houve também um envaidecimento natural das torcidas. Assim, já não se admite campanhas regulares: os ponte-pretanos, por exemplo, exigem um título, cansados de perder as finais que têm disputado; os bugrinos não engoliram até hoje as derrotas para Flamengo e América, na disputa da Taça de Ouro e dos Campeões.

Diante de um ambiente como esse, "jogador juvenil só deve ser lançado no momento certo", diz uma conhecida frase do futebol campineiro. Duarte, Cilinho e Ladeira, responsáveis pela grande maioria dos jogadores revelados na cidade, definem o momento certo como aquele em que nada se exigirá do menino – nem vitórias ou jogadas de gênio.

Se for craque ele vingará. Aconteceu com Careca. O técnico juvenil do Guarani era Ilzo Neri, e Careca, além de ter problemas de colocação no campo, era meia-direita e Renato o titular da posição. Vencido, ele arrumou a mala e despediu-se de Ilzo Neri: iria voltar para Araraquara e trabalhar numa agên-

do sucesso: a inveja. "Esse é o motivo para o crescimento dos dois times. Quando um consegue alguma coisa, o outro imediatamente tenta obter algo melhor", dizem velhos conhecedores do futebol local. Pode ser. O Guarani revelou Washington e a Ponte, Oscar; quando o bugre descobriu Flamarion, a Ponte



Duarte: pioneiro das escolinhas

Oscar: ídolo feito em Campinas

Careca: 9 por causa de Renato

Juninho: da Ponte para a seleção

Cilinho: mostrando a vida real

Renato: o macarrão antes da bola

Chicão: garra revelada na Ponte

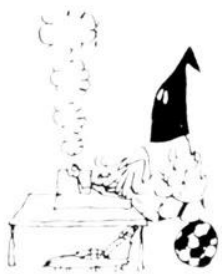
...da Ponte como Carlos hoje

Valdir: fechou o gol...

cia bancária. Neri tomou-lhe as malas e o escalou como centroavante do time juvenil na partida seguinte. "Se a 8 é do Renato, você fica com a 9" – disse, ao criar um dos maiores atacantes atuais do futebol brasileiro.

INVEJA UTIL – São episódios como esse que marcaram a evolução de Campinas no futebol brasileiro. E na base de tudo estaria a explicação que muitos julgam a razão única saiu com Polozzi. Ao ter certeza de chegar na frente com Careca, o Guarani viu que o arquiinimigo lançara Juninho. O Guarani, no entanto, está alguns corpos à frente –

enquanto a Ponte festejava o vice-campeonato de 77, o rival, seis meses depois, simplesmente levantava o campeonato nacional de 78. Em 79, os ponte-pretanos disputaram e perderam a final do campeonato paulista para o Corinthians, mas mesmo assim houve alegria: afinal, o time verde e branco estava na Taça de Prata e a Ponte, na de Ouro. Humilhação? Nem tanto, pois o Guarani ganhou o título e foi festejar no Largo do Rosário, o tradicional ponto de festa dos ponte-pretanos. **Antônio Carlos de Júlio, de Campinas.**



CARLOS SOH

ABRE O JOGO

(Arte & Efeitos de Som: Nicolielo)

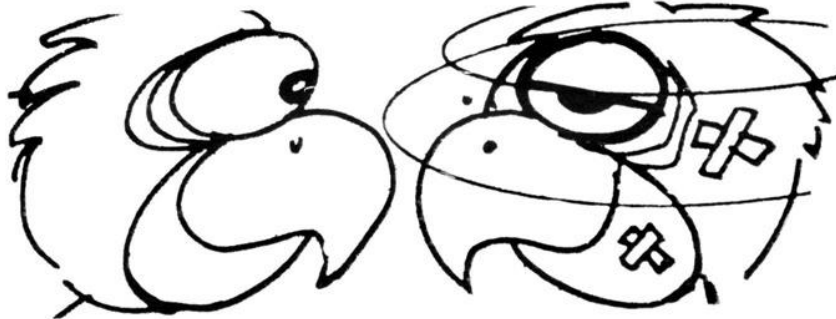
Enfim uma página que traz nova mensagem de esperança para a torcida do Palmeiras. Ninguém deve se desesperar: antes da Proconsult terminar de apurar os votos da eleição no Rio, o Verdão volta a conseguir um título...

E, COM VOCÊS, O FAMOSO REYNALDÃO, QUE, NA BOCA DA ÚRNA, É UM AUTÊNTICO GERALDÃO:



– Chefe Maluf, o senhor precisa fazer alguma coisa: depois dos 5 milhões e tantos votos que o Montoro enfiou nas nossas costas tem gente nos chamando de Nelson Duque e Nicola Racciopi...

Palmeiras deveria seguir o exemplo do PDS e disputar uns titulozinhos no Nordeste...



– Ma io tinha qui reagi, Concetta: o sacana do corinthiano mi chamô di Rogê Ferreira...

A esta altura do campeonato, quando você estiver lendo estas modestas linhas, São Paulo já deve ter um novo campeão. Será o Corinthians deste quarteto maravilhoso no meio de campo – Paulinho, Sócrates, Zenon e Biro-Biro – e do irreverente Casagrande na frente? Ou será o São Paulo deste imbatível miolo de defesa – Oscar e Dario Pereyra – e do contra-ataque mortal, puxado por Renato e concluído por Sérgio?

Não sei, já que esta não é um revista esportiva e, por isso, ela precisou ser fechada antes da decisão, o que quer dizer que, ao escrever o que você agora lê, eu não sabia quem iria levar o troféu. Mas,

confesso, não creio que isso seja importante. Mesmo porque, muito mais do que preocupado em saber quem seria o campeão da temporada, me interessava tentar analisar aqui quais foram as razões que fizeram de Corinthians e São Paulo equipes tão superiores aos seus concorrentes neste ano. Não é sem razão que tricolores e alvinegros alcançaram tão contundente vantagem neste campeonato, a ponto do quadrangular final que havia sido planejado ter-se transformado em uma simples decisão a dois. Coincidentemente, tanto um como outro clube – o São Paulo com antecedência de um ano e pouco – vêm recebendo os salutares ares de uma renovação dire-

tiva, quer quanto a figuras, quer quanto à mentalidade. Assim, enquanto o Corinthians deste competente Adilson Monteiro Alves vai sepultando aquela imagem de clube de panelinhas e intrigas, o São Paulo ainda tira proveito do vendaval de senso empresarial que por lá passou na gestão Jaime Franco. E, enquanto isso, Palmeiras, Santos e Portuguesa preferem continuar afundando-se na mesma areia movediça do passionalismo e da falta de criatividade que, há anos, vem engolindo esses clubes. O que, convenhamos, revela uma vocação para apanhar que faria inveja a qualquer mulher de malandro dos sambas de breque do Moreira da Silva...



Êta padrãoinho global sem vergonha!!!

Decisão do 2.º turno, Morumbi lotado, Corinthians e São Paulo fazendo um jogo nervoso. Lá pelas tantas, Zenon centra e Vladimir enfia a cabeça na bola, inaugurando o marcador. O estádio inteiro viu, eu vi, você deve ter visto, o José Maria de Aquino, que comentava o jogo pela Rede Globo, viu e registrou. Quer dizer, todo mundo viu, menos o repórter da poderosa Venus Platinada, para quem o gol havia sido de Zenon, direto. E, o que é pior, toda essa desinformação perdurou por mais de 40 minutos, quando, no intervalo do jogo, Valdir Peres esclareceu o que não era novidade para ninguém. É lamentável, mas, de qualquer forma, serve para alguma coisa: explica por que em futebol o Ibope paulista da Globo é desse tamanhinho. Afinal, não há paciência que aguente, não é???

Bom, se o pessoal da Portuguesa quer alguém que resolva mesmo, eu tenho a solução...



Termina o ano e todos os leitores querem saber qual é, na opinião dos cronistas, a indefectível "Seleção do Ano". E, para

não frustrar os meus, que, afinal, são eles que garantem o leite do Thiago, vão aí os onze nomes que, segundo creio, mais se destacaram no futebol paulista em 82: Valdir Peres, Alfinete, Luiz Pereira, Dario Pereyra e Vladimir; Paulinho, Renato e Sócrates; Jorginho, Casagrande e Paulo Egidio (Botafogo). E como é mais ou menos tradicional escolher também a revelação do ano, vá lá: fico com o Casagrande (foto), essa incrível figura que o Corinthians revelou e que está fazendo renascer o mito do centroavante.

Alguém tem de explicar direitinho para o Zé Maria que, na Câmara, pra obstruir mensagem do governo, não é preciso dar um carrinho nuns 3 vereadores do PDS...

Historinha

Garrincha, que amarga numa clínica carioca aquilo que o oportunismo de uns poucos transformou umas das maiores glórias do futebol brasileiro, era de uma ingenuidade apaixonante. Imaginem os senhores que, em 58, na Copa da Suécia, após entortar todos os gringos que viu pela frente e representar papel preponderante para a conquista do título, o Mané saiu de campo, no jogo final, contra a Suécia, muito tranqüilo. Entrou no vestiário, sentou para tirar as chuteiras e nem tomava conhecimento da enorme festa que toda a delegação fazia. Até que, intrigado, o dr. Paulo Machado de Carvalho resolveu perguntar:

— Hei, Mané, não vai comemorar o título???

Ao que ele respondeu, perplexo:

— Uai, Dotó, mas já acabou? Esse campeonato vagabundo não tem nem 2º turno???

O que nos espera em 83

Pode ser que as previsões do Conde de Nostradamus, o nosso astrólogo de plantão, não dêem totalmente certo. Mas, não tenham dúvidas, 99% do que ele anuncia deve acontecer no nosso futebol em 83. Vá anotando aí: § O Tribunal de Justiça Desportiva da FPF vai tomar alguma decisão que contraria frontalmente uma outra que ele mesmo tenha tomado anteriormente. E nem por isso vai acontecer nada, já que também no futebol esse é um país sem memória...

§ Três presidentes do Santos reunirão o Conselho Deliberativo para exigir uma definição: ou o João Paulo ou eu. E o Conselho, nas três oportunidades, ficará com o João Paulo...

§ A Portuguesa contratará técnico novo,



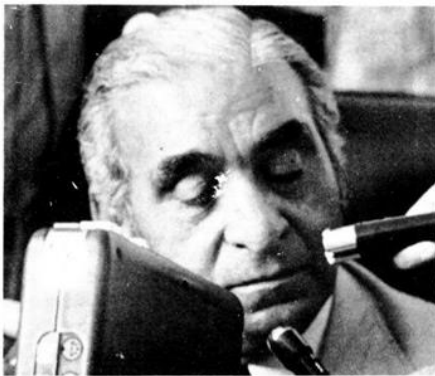
que assumirá com o apoio de todas as alas da torcida. E, uma semana depois, o técnico novo será encontrado boiando no Rio Tietê...

§ A torcida do Palmeiras vai decidir só prestigiar os "Periquitos em Revista"...

§ A oposição no Palmeiras ganhará a eleição prometendo mudar tudo. E, como primeira grande novidade, anunciará: sai Nelson Duque, entre Arnaldo Tirone...

§ A CBF vai criar uma nova Comissão Técnica permanente e os jogos preparatórios da seleção começarão novamente. A cada vitória sobre as Irlandas da vida, a Rede Globo, que transmitirá tudo com exclusividade e com equipe carioca, garantirá que "em 86 ninguém segura o tetra"...

FALA, MATHEUS!



— Premeramente devo de dizê qui eu tenho chance di vortá a sê presidente do Corinthians. É só a CBF baixá uma lei determinando qui eleição nos clube seja igual as pra governadô e também tenha o tal do voto com vinco do lado...

Esta página é lida

por você, o que já garante o sorriso da gente: pelo Mário, do Fotolito, que está planejando usar um verde especial no dia em que o Palmeiras ganhar um título e, do jeito que vão as coisas, não vai usar nunca; pelo Carlos Aymard, que pode mudar de prefixo; pelo Biro-Biro, quando não está ouvindo o "Fusão Preto"; pela Beth Carvalho; pelo Fausto Canova, cada vez mais coerente; pela moça das cartas coloridas, agora um sol triplô; pelo Juarez Soares, de casa nova e o mesmo talento; pelo Mário Travaglini, que merece muito mais; pelo Vagostesil, o sujeito mais tranqüilo da Vila Ré; pela Regina Duarte; pelo Orlando Duarte; pela Caçarola, a cabeça mais fresca que conheço; e pelo Estevan Sangirardi (um abraço, velho). Esta página ainda está procurando aqueles olhos de mamãe...

*Um dia, quando você
também fizer parte do futuro,
verá o quanto é importante
uma formação bem orientada,
concluída com consciência.
Só então estará convicto de que
escolheu o melhor caminho.*

*Colégio São Marcos.
Uma expressão nítida
de tranquilidade e segurança.*



**Alô, Lucinda,
estamos ficando famosos!
Tem um repórter aqui querendo
fazer uma entrevista pra saber por
que a nossa família é doidinha
pela caderneta de poupança
da Nossa Caixa.
Que é que eu digo
pra ele?**

**Lúis Fernando, vai
dizendo pro repórter que
poupança é o melhor lugar pra
se colocar as economias domésticas.
O dinheiro que ela rende, garante
o colégio das crianças, os fins de
semana na casa da mamãe, o
meu cabeleireiro, as suas entradas
do futebol e uma porção de
outras coisas boas.
Aliás, Lúis Fernando, aproveitando
a oportunidade, eu vi um
vestido incrível na cidade,
que tal se você desse
uma olhada e...**

Governo
José Maria Marin



Trabalhando
para o povo.

**NOSSA
CAIXA**

A caderneta de poupança - onde a família deposita seus sonhos.